













**O POETA**

**E**

**A INQUISIÇÃO.**





**ANTONIO JOSE**  
OU  
**O POETA E A INQUISIÇÃO.**

**TRAGEDIA.**

POR

*D. J. G. de Magalhães.*



**RIO DE JANEIRO,**

**IMP. IMPARCIAL DE F. DE PAULA BRITO.**

**1839.**

Em consequencia da Lei que garante o direito de propriedade,  
esta Tragedia não poderá ser representada em Theatro algum sem  
licença do seo Author.

*Ant. José da Silva*

BREVE NOTICIA

SOBRE

**ANTONIO JOSÉ DA SILVA.**

—

Pelo esquecimento em que estão os nomes dos nossos illustres antepassados; o desleixo com que tratamos os poucos escriptores que nos dão gloria, e a completa ignorancia da nossa litteratura, sou forçado a dar aqui uma breve noticia do principal Personagem deste Drama para sua melhor itelligencia,

Antonio José da Silva, nasceu no Rio de Janeiro, em 8 de Maio de 1705; seu Pai, João Mendes da Silva, que exercia a profissão de advogado, o mandou estudar Direito na Universidade de Coïmbra. Dahi, tendo-se ja formado, partio para Lisboa, onde se estabeleceo, e começou a advogar, e a adquirir reputação e amizades.

Dotado de um genio finamente comico e satyrico; dêo-se ás composições theatraes, desprezando todas as regras estabelecidas; e não-attendendo senão ao estado do povo para quem escrevia; em vão o Conde de Eriçeira, então litterato de grande nota, e Legislador do parnaso Luso, o aconselhava de imitar a Molière, como elle em tudo imitava, e seguia a Boileau, de quem traduzira em Portuguez a Arte Poetica. Antonio José ouvia os conselhos do seu nobre amigo, admirava Molière, mas seu genio era outro. A pesar de todos os seus defeitos, mereceo o titulo de Plauto Luso; Antonio José é o unico rival de Gil Vicente, e suas composições ainda hoje são applaudidas nos theatros de Lisboa; ellas correm impressas com o titulo de — Operas Portuguezas. A guerra de Alecrim e Mangerona, D. Quixote, Labyrintho de Creta, e Esopo encerram scenas verdadeiramente comicas. D. Quixote foi traduzido em Francez por Mr. Ferdinand Denis, Auctor de muitas obras estimaveis.

As particularidades de sua vida são ignoradas; mas do silencio da Historia se aproveita com vantagem a Poesia; e a imaginação suppre optimamente todas as omissões; o que se sabe positivamente é que elle foi queimado vivo na praça do Rocío, em Lisboa, em um acto de Fé, em 1739, na idade de 34 annos, tendo sido accusado ao Sancto Officio como Judeo.

Desejando encetar minha carreira Dramatica por um objecto nacional, nenhum me pareceo mais capaz de des-

Partar as sympathias e as paixões tragicas do que este: as desgraças de um homem de letras, de um Poeta, que concorreo para gloria nacional, não podem deixar de excitar o interesse e amor, ao menos do nosso Paiz; e tanto mais deve esta lição ser importante, quanto a miseria, e o abandono é o fim de quasi todos os Poetas Portuguezes, e Brasileiros. Queira o céo compadecer-se dos futuros ingenhos, e animal-os nesta nobre empreza de civilisação e de gloria nacional, a pesar da ingratição e indifferença daquelles que podem, o devem, favorecer os nascentes genios; que bem disse Camões:

O favor com que mais se accende o ingenho,  
 Não no dá a Patria, não, que está mettida  
 No gosto da cobiça !..

Ainda hoje assim é!..

Digamos duas palavras sobre o successo desta obra na sua representação. Si devesse julgar do merito desta Tragedia, pelos applausos que lhe prodigalisou o publico nas repetidas vezes em que subio á scena, eu me acreditaria auctor feliz, isento de censuras, attendendo ao enthusiasmo com que foi recebida, e os elogios que mereceo, particularmente o 5.º acto.

Tal acolhimento esteve bem longe dos meus presentimentos; ou fosse pela escolha de um assumpto nacional, ou pela novidade da declamação e reforma da arte dra-

matica (substituindo a monotona cantilena com que os actores recitavam seus papeis, pelo novo methodo natural e expressivo, até então desconhecido entre nós), o publico mostrou-se attencioso, e recompensou as fadigas do Poeta.

Mas eu sei o quanto perde a obra do enthusiasmo em uma leitura fria e desanimada; então adormecidas as paixões, pertende a razão critica penetrar e julgar, onde só ao sentimento é dado o decidir. Sei de mais o quanto é voluvel a opinião do publico, e quão facil se esquece elle neste anno do que sentio e disse no anno passado.

Frios censores, criticos impassiveis, juizes parciaes e imparciaes, amigos e inimigos, a vós me entrego.

Não faltarão accusações em todos os generos. Talvez tenham razão, sobre tudo, si quizerem medir esta obra com o compasso de Aristoteles, e de Horacio, ou vel-a com o prisma dos Romanticos. Eu não sigo nem o rigor dos Classicos, nem o desalinho dos segundos; não vendo *verdade absoluta* em nenhum dos systemas, faço as devidas concessões a ambos, ou antes, faço o que entendo, e o que posso. Isto digo eu aos que ao menos tem lido Shakspeare, e Racine, aos que tomam partido nestas questões hoje em moda em litteratura dramatica; aos que porem, leem cantando a Tragedia, com a mesma toada da Ode, e que julgam do merito de um poema pelas pancadas retumbantes dos versos, que se encadeam como os sons do martello sobre a incude, direi, que isto não é Soneto, nem versos de oitavos. Lembrarei somente que

Esta é a primeira Tragedia escripta por um Brasileiro, (si me não engano) e unica de assumpto nacional. Humildemente peço aos meus criticos que me desculpem a ousadia de compor uma Tragedia, quando elles dotados de genio e talento, não se animam a tanto. Si houver quem tenha *bastante animo* para dar de mão aos interesses positivos, e, esquecendo-se da satyra, seguir-me na árdua empreza de enriquecer a nossa pobre litteratura, a pesar da vergonhosa indifferença com que se trata hoje os litteratos ; eu lhe desejo, alem da gloria da perfeição, todos os nobres estimulos de que é credor o genio. Mas ah na porta do templo da immortalidade está escripto para os Brasileiros estas palavras, como na porta do Inferno do Dante :

*Lasciate ogni speranza o voi che 'ntrate.*

A scena é em Lisboa em 1739.



**PERSONAGENS.**

**PERSONAGENS.**

**ACTORES.**

ANTONIO JOSÉ.

JOAÕ CAETANO DOS SANCTOS.

MARIANNA.

ESTELLA SEZEFREDA.

FR. GIL, DOMINICANO.

COSTA.

O CONDE DE ERICEIRA.

AMARAL.

LUCIA, CREADA DE MARIANNA.

RICCIOLINI.

UM CREADO DO CONDE QUE

FALLA.

FLORINDO.

SOLDADOS, E FAMILIARES, DO SANCTO OFFICIO.

---

Representada pela primeira vez no theatro da praça da Constituição do Rio de Janeiro em 15 de Março de 1838, pelos Actores indicados.

# O POETA E A INQUISIÇÃO.

---

## ACTO PRIMEIRO.

### SCENA I.

Vista de sala particular em casa de Marianna; de um lado uma moda, sobre a qual estará um Oratorio feixado, cujo destino se indicará no segundo acto. Do lado opposto uma meza, e um candieiro antigo. Marianna assentada, com um papel na mão, como que estuda sua parte theatral. Lucia em pé, espivitando a luz.

### MARIANNA E LUCIA.

#### MARIANNA.

Deixa-me, Lucia, deixa-me tranquilla;  
Vai-te, deixa-me só; — repousar quero  
Esta cabeça de fadigas tantas.  
De mim terias pena, si soubesses  
Que turbilhão de fogo me devora.  
Sente tu mesma, toca. (*Pegando na mão de Lucia  
e levando-a d cabeça*).

#### LUCIA.

Oh como queima!  
Parece um forno!... Que terrivel febre.

Senhora, quer qu'eu faça alguma cousa?  
Quer qu'eu chame o Doctor?

MARIANNA.

Não; nada quero.  
Somente que me deixes, eu te peço.

LUCIA.

Como a posso deixar em tal estado?  
Fôra preciso um coração de pedra.  
Não... agora me lembro... vou fazer-lhe  
Um remedio caseiro; espere, eu volto. *(Sai)*.

SCENA II.

MARIANNA *só*.

Pobre Lucia, sem ti eu ja morreria...  
E's quasi mãe, fiel, sincera amiga.  
Quantas obrigações eu te não devo...  
Oh! que aguda pontada...

SCENA III.

LUCIA *voltando com um copo na mão*.

Aqui lhe trago  
Um remedio bem simples, mas que cura;  
E' um pouquinho d'agua com vinagre.  
Molha-se o lenço... assim... E' cousa sancta;  
Não tenha medo, applique sobre as fontes.  
Ensinou-me... quem mesmo?... nem me lembro.

MARIANNA.

Oh! que dor! fez-me mal a frialdade.

LUCIA.

E' sempre assim; daqui a pouco passa:  
Mas tenha paciencia.

MARIANNA.

Estou mais calma;  
O calor se dissipa, e a dor se abranda. (*Pega no  
papel para ler*).

LUCIA.

Deixe, Senhora, esse papel maldito.  
Que praga! forte teima de leitura!  
Continuamente a ler! nunca descança!  
Eis ahi porque soffre... não se queixe.  
O mesmo ferro quando muito o malham,  
E a pedra quando a batem, fere fogo,  
Quanto mais a cabeça qu' é sensivel!  
Isso é mania.

MARIANNA *levantando-se*.

Vê como é difficil  
O trabalho da mente, e o quanto custa  
Ter um nome no mundo! Em quanto dormes  
No teu leito tranquilla, eu velo, em lucto;  
A noite para ti traz o repouso,

E si o dia ao trabalho te convida,  
Co' a paz no coração deixas o leito.  
Teu diurno trabalho não te cança,  
Co' a paz no coração ao leito voltas.  
Mas eu, quando reponso? Ante um espelho  
Estudando paixões, compondo o corpo,  
Mil expressões n'um'hora procurando,  
Meus dias passo; — e tu douda me julgas  
Quando me ves gritar, luctar, ferir-me,  
E as vezes investir-te delirante!  
Durante a noite minha fronte escaldo  
Juncto d'esta candeia, que me aclara,  
Sua negra fumaça respirando,  
Ou medindo o salão d'um lado a outro  
Sempre co' o meu papel diante os olhos,  
Como um espectro do sepulcro erguido,  
Em desalinho, pallida; e cem vezes  
Primeiro a luz se apaga, qu'eu me deite.  
Si busco o leito então, oh que tormento,  
Da cabeça inflammada o somno foge;  
Nova scena a meus olhos se apresenta.  
No theatro me cuido, escuto a orchestra,  
Vejo a platea, e os camarotes cheios,  
Ouço os applausos, bravos, que me animam,  
E com esta illusão a vida cobro.  
Mas eis que durmo, sonho, e de repente  
Ao som da pateada afflicta acordo.

E' manhã; — e outra vez começa a lida.  
Oh vida! oh illusão! oh meu martyrio!

LUCIA.

Oh! certamente que me causa pena.  
Tanto eu não poderia: antes quizera  
Uma esmola pedir de porta em porta  
Do que seguir tal genero de vida.  
E então porque ralar sua existencia?!  
Para agradar o povo! e apresentar-se  
A rir, ou a chorar, como uma douda!

MARIANNA.

Que dizes tu? coitada! o teu discurso.  
Bem mostra que da gloria o amor não sentes.

LUCIA.

Não sinto, e queira o céo qu'eu nunca o sinta;  
Que si da gloria o amor é que lhe causa  
Tantas inquietações, tantas vigílias,  
Desprézo tal amor. Eu de continuo  
Nas minhas orações me recommendo,  
Quando me deito, ao grande Sancto Antonio,  
E ao meu Anjo da guarda que me ajudem,  
E de vis maleficios me preservem.  
Só quero amar a Deos... Diga, senhora,  
Por ventura Camões amava a gloria?

MARIANNA.

Oh si amava! E que Luso depois d'elle  
Tanto amou-a?

LUCIA.

Pois bem, sempre foi pobre, e  
Na miseria viveo, pedindo esmolas,  
E morreo no hospital. Senhor Antonio  
Que lhe diga o que ganha co'as comedias  
Qu'elle compõe, para agradar ao povo.

MARIANNA.

Ganha a reputação de Plauto Luso,  
De um illustre escriptor, de um grande homem.

LUCIA *com ar de compaixão,*

Melhor fora dizer — de um pobre homem.

MARIANNA.

E o que tem a pobreza co' o talento?

LUCIA.

Muito; que em Portugal andam casados.  
E si o senhor Antonio continua,  
Já lhe prevejo um fim bem desgraçado.  
Eu só ouço dizer qu'elle é jocoso,  
Que faz as pedras rir: eis porque o amam.  
E si não fosse a banca, e os demandistas  
Que lhe dão de comer, creio de certo  
Qu'elle morto estaria ha muito tempo,



Oh pelas portas pediria esmola  
 Como o pobre Camões... Camões!.. coitado!  
 Quando da sua sorte me recordo,  
 Em lagrimas meus olhos se convertem.  
 Pobre homem!.. Tão moço!.. Cavalheiro,  
 Que pudéra ter sido alguma cousa,  
 Dar em Poeta!.. Andar fazendo versos!  
 Errando pelo mundo; naufragando,  
 Vir á Lisboa p'ra pedir esmola,  
 Comer o pão com lagrimas molhado *(Com tom de  
 piedade e de compaixão)*.  
 Morrer n'um hospital! Eu creio vel-o, *(Limpendo  
 as lagrimas)*.  
 Envolto n'um lençol, no adro da Igreja,  
 Sobre a pedra estendido, alli, exposto,  
 Movendo a piedade de quem passa,  
 Que lhe atira um real p'ra sua cova!..  
 Oh meu Deos, que castigo!.. Eu tenho um filho,  
 Um filho que tambem erra no mundo,  
 Faze qu'elle da gloria o amor não sinta,  
 Que não tenha talento, e sobre tudo  
 Que não seja Poeta, p'ra que possa  
 Ser feliz sobre a terra.

MARIANNA.

O teu discurso  
 Mão grado meu, o coração me toca,

Confesso que não fallas sem motivos.  
Mil vezes reflectindo sobre a sorte,  
Vendo a miseria perseguir o genio,  
A ingratiidão dos homens, a injustiça,  
A infamia que sobre elle a inveja lança,  
E o desprezo da vil mediocridade,  
Que no lodo se arrasta como o verme,  
E outro Deos não conhece mais que o ouro,  
Discorro como tu; e só desejo...  
Nem sei o que... morrer... deixar o mundo.  
Confesso que abraçára o teu conselho  
Si não fosse ser eu ja conhecida,  
E não poder arripiar caminho.  
Sobre mim julga o povo ter direito;  
Amanhã si eu disser: adeos, theatro !  
Todos se julgarão auctorisados  
P'ra me vir indagar qual o motivo.  
Que não diria o povo? e que calumnias,  
Que infamias sobre mim não lançaria?  
Quasi que sou escrava. — No que dizes  
Eu descubro razão.

LUCIA.

Mas não a segues.

MARIANNA.

Nem posso.

LUCIA.

Então porque?

MARIANNA.

E' impossivel.

LUCIA.

Impossivel!

MARIANNA.

Sim, Lucia.

LUCIA.

Quem a impede

De seguir meu conselho?

MARIANNA.

A minha sorte ;

Cada qual tem a sua ; a minha é esta.

LUCIA.

Mas a sorte se muda ; mude a sua.

MARIANNA.

E tu porque não mudas tua sorte?

LUCIA.

A minha é outro caso ; e só Deos sabe  
Si eu lh'ê peço que mude ; — mas debalde.

MARIANNA.

Ah ! tu cuidas que é Deos quem te embaraça  
De mudar tua sorte?

LUCIA.

Oh certamente!

Não tenho vocação de andar servindo,  
Nem faço gosto n'isto

MARIANNA.

Pobre Lucia,

Dás armas contra ti; sem gosto serves,  
E cuidas não poder mudar de vida,  
E a culpa pões em Deos, e tu me accusas?  
E queres sem razão qu'eu mude a minha,  
Quando nasci com vocação p'ra scena?  
Tenho razão de mais para seguil-a.

LUCIA.

La, Senhora Marianna, em argumentos  
Não me quero metter com a Senhora.  
Não tiro conclusões, nem tenho estudos:  
Mas em fim a razão está dizendo,  
E dizer tenho ouvido a muita gente,  
Qu' é melhor e mais nobre ser creada  
Que ser comediante.

MARIANNA.

Lucia, é muito!

Nunca pensei que a tanto te atrevesses.  
Si não fôra ter dó do teu estado  
Hoje mesmo...

LUCIA.

Senhora, não se offenda;  
Disse isto por dizer; sou uma tonta;  
Desculpe esta ousadia.

MARIANNA.

Eu te perdôo;  
Tu pensas como o vulgo.

LUCIA.

Eu me retiro.

MARIANNA.

Vai-te, vai-te deitar.

LUCIA.

Si necessita  
De mim p'ra alguma cousa...

MARIANNA.

Nada quero.

LUCIA.

Boa noite, Senhora.

MARIANNA.

Deos te ajude.

**SCENA IV.**

MARIANNA *só.*

Entretanto ella pensa como o mundo,  
Que nos vê com desprezo, e que nos trata

Como uma classe vil e desgraçada,  
Sem honra e sem pudor; qu'ousa mostrar-se  
Em publico debaixo de mil formas  
Só por amor do ganho: hoje trajada  
Com as vestes reaes de soberana,  
A manliã co'os andrajos da pobreza...  
Só p'ra rir, p'ra passar alegre uma hora,  
Não para corrigir seus ruins costumes,  
O theatro procuram: nós lhes damos  
Em volto em mel um salutar remedio ;  
Com seus proprios defeitos e seus erros  
Excitamos o riso; e outras vezes  
Co' o quadro da desgraça e da virtude  
N'alma nobres paixões lhes acendemos.  
Mostramos a innocencia perseguida,  
Um pai sem coração, um filho ingrato,  
Uma esposa infiel, um Rei tyranno,  
Um magistrado que a justiça vende ;  
Interpretando a historia, e dando vida  
A's sublimes lições da Poesia,  
Lhes mostramos os rapidos contrastes  
Do nada e da grandeza: elles nos ouvem,  
Elles nos vêm com lagrimas nos olhos,  
E quando nós lhes embebemos n'alma  
A dor, a compaxão, o amor, e a ira,  
Como nós da paixão só possuidos,  
Esquecidos mil vezes, nos transportes,



## SCENA V.

Antonio José entra assustado, e arquejando de cansaço, encosta-se na porta com a mão na chave, depois feiza a porta, e assenta-se sem dizer cousa alguma. Marianna todo este tempo terá os olhos firmes sobre elle como cheia de terror: depois de grande silencio de parte a parte, Antonio José suspira, e então Marianna falla.

## MARIANNA E ANTONIO JOSE'.

MARIANNA.

Senhor, que tendes?

Estás doente?

ANTONIO JOSÉ *levantando-se furioso.*

Sim, mas é de raiva

De não poder tragar esses sicarios,  
 Raça vil, bando infame de assassinos,  
 Que vivem de beber o sangue humano!  
 Oh maldição do céo cáia sobre elles.  
 Maldição, maldição: o céo me escute.

MARIANNA.

Oh ja vejo: ladrões vos atacaram!  
 Quizeram vos roubar. Estás ferido?

ANTONIO JOSÉ.

Sim, dizes bem, ladrões... ladrões, sicarios.  
 Por toda a parte só ladrões encontro;  
 Tudo se rouba, vida, honra, dinheiro;  
 Rouba-se ao Portuguez a liberdade



E até o pensamento roubar querem.  
Infames! querem que o homem seja escravo,  
Que seja cego e mudo, e que não pense,  
Para melhor calcar-nos a seu grado.  
De noite, aproveitando o horror das trevas,  
Subalternos ladrões gyram nas ruas,  
E em cada canto o cidadão encontra  
Um punhal, e uma cara de assassino;  
Si d'elle escapa, em cada praça topa  
Um espião, um refalsado amigo;  
Não é seguro asylo a nossa casa.  
Não ha lei, nem costumes, nem governo,  
Nem povo, nem moral; sobresaltado  
Stá sempre o homem, sempre receioso  
Do que diz, do que pensa; nem no leito,  
Nem no templo de Deos ha segurança;  
La mesmo vão perversos aninhar-se,  
La se acoutam trahidores homicidas,  
Que se cobrem co' o manto da virtude,  
Para mais a seu salvo flagelar-nos.  
Mais brutaes, mais sacrilegos, infames!  
Profanam do seu Deos, que adorar fingem,  
O nome, e a lei de amor. E tu consentes,  
Oh Deos, que me ouves, que os supporte a terra?  
Que em teu nome perpetrem tantos crimes?  
Mas si consentes tonsurados lobos  
Sobre a terra, o castigo lles preparas

Sim, sim, eu creio no futuro premio,  
No castigo futuro; — tu és justo.

MARIANNA.

Que discurso! — A razão terá perdido? (*A parte*).  
Nunca vos vi assim! Que estranho caso  
Vos pode acontecer.

ANTÓNIO JOSÉ.

Estou perdido.

MARIANNA.

Perdido! como assim, porque motivo?

ANTONIO JOSÉ.

Nada sci.

MARIANNA.

Que afflicção isto me causa!

ANTONIO JOSÉ.

Os monstros!... si eu pudesse exterminal-os!  
Qual é meu crime? o qu'è que tenho feito,  
Para ser perseguido?

MARIANNA.

Perseguido!

ANTONIO JOSÉ *segurando na mão de Marianna.*

Sim, perseguido; sim; talvez agora

Os vis denunciantes me procurem.

Talvez mesmo a teu lado, quando cuido  
Estar salvo, e seguro, alguém me escute.

MARIANNA.

Oh que delirio!

ANTONIO JOSÉ.

Não, eu não deliro;  
Nunca em mim a razão fallou tão alto.  
Não stou seguro aqui (*Furioso passa para o outro lado, empurrando Marianna*).

MARIANNA.

Oh que injustiça,  
Senhor, vós me fazeis! Julgais acaso  
Que sou vossa inimiga? Quem vos pode  
Inspirar esta ideia? e que motivos  
Vós tendes contra mim? Como é possível  
Que me trateis assim!

ANTONIO JOSÉ.

Não, Marianna,  
Não me queixo de ti; eu te conheço;  
Sei que tudo darias p'ra salvar-me;  
Mas é quazi impossível.

MARIANNA.

Inda ignoro  
D'esta mudança a causa.

ANTONIO JOSÉ.

Como ignoras?

Mas então tu não vês? ja te não disse?

Queres pois que mil vezes te repita,

Que não posso escapar, que me perseguem?

MARIANNA.

Mas quem?

ANTONIO JOSÉ *com furor.*

A Inquisição! a Inquisição.

MARIANNA.

Oh Deos! a Inquisição? (*Cheia de horror.*).ANTONIO JOSÉ *rindo-se de colera*

O Sancto officio!

MARIANNA.

Que horror! a Inquisição!

ANTONIO JOSÉ *colera misturada de piedade.*Oh Sancto officio!.. Sancto?.. o Sancto officio! (*Ri-se de raiva.*).Mil vezes infernal. Obra do inferno (*Furioso.*).Sancto! como está tudo profanado! (*Compaixão.*).

Como os homens são máos! como elles zombam

Té co' o nome de Deos! Quem poderia

Crer que a Religião de Jesus Christo

De instrumento servisse á tanta infamia?

MARIANNA.

Socegai ; Deos protege os innocentes.

ANTONIO JOSÉ.

N'outro mundo, talvez.

MARIANNA.

E tambem n'este.

ANTONIO JOSÉ.

N'este não ; qu'este mundo é dos malvados.

MARIANNA.

Mas entre elles tambem ha homens justos.

ANTONIO JOSÉ.

P'ra servirem de victimas aos outros.

MARIANNA.

Embora seja assim ; o que nos cumpre  
E' cuidar de salvar-vos.

ANTONIO JOSÉ

Porem como?

Como da Inquisição fugir ás garras ?  
Si aqui fico, não posso estar seguro ;  
E se saio, hoje mesmo serei preso.  
Pois bem, daqui não saio, que se cansem,  
Não lhes darei tão facil a victoria.  
Cedo ou tarde a masmorra é infalivel,  
Mas quero que primeiro se exasperem.

Lei de sangue fundada na ignorancia,  
 Que se oppõe á razão, e á natureza  
 Não é lei a que os homens obedecam. (*Andando*).  
 Antes quero morrer longe da Patria  
 Do que n'ella soffrer a tyrannia ;  
 Quando p'ra o cidadão não ha direitos  
 Não ha tambem deveres... (*Meditando*) sim, é justo.  
 Vou escrever ao Conde de Ericeira.  
 Da-me papel. Eu quero qu'elle saiba  
 A triste posição em que me vejo.  
 Lucia onde está?

MARIANNA.

Lá dentro.

ANTONIO JOSÉ.

Vai chamal-a. (*Sai Marianna*).

SCENA V.

ANTONIO JOSÉ *só escrevendo*.

- » Nobre Conde, entre a vida e a morte existo,
- » Um pé na Inquisição, outro no mundo ;
- » Decidi p'ra que lado cair devo.  
 (Não lhe quero pintar com negras cores  
 O estado em que me vejo p'ra poupar-lhe  
 Momentos de furor ; — continuemos).
- » Decidi, nobre Conde, em vós confio,
- » Vós me podeis salvar, sem vós eu morro. (*Feixa-a*).

**SCENA VI.**

**ANTONIO JOSE', MARIANNA E LUCIA.**

**ANTONIO JOSÉ.**

Toma, leva esta carta; mas de modo,  
 Que ninguem possa ver; com brevidade  
 Vai á casa do Conde de Ericeira;  
 Entrega a elle mesmo... Lucia, escuta:  
 Se o creado impedir-te de fallar-lhe,  
 Dize que vás d'aqui de minha parte;  
 Não voltes sem resposta.

*LUCIA saindo.*

Que mysterio!

**SCENA VII.**

**ANTONIO JOSÉ.**

Agora vamos ver quem de nós vence.  
 Maldita Inquisição, eu te assoberbo.







## ACTO SEGUNDO.

### SCENA I.

A mesma decoração do primeiro acto. Marianna em pé encostada à uma porta, por onde mais tarde deve sair Antonio José.

MARIANNA.

Elle dorme, tão perto da desgraça!  
Elle dorme, sua alma é innocente,  
Seu coração é puro. — Ai pobre Antonio!  
Goza ao menos esta hora de descanso;  
Não te quero acordar; em paz repousa  
Essa cabeça que o terror perturba. (*Caminha para  
o meio da scena*).

Feliz quem dorme! o somno é o refugio  
Do desgraçado; — mais feliz ainda  
Si elle nunca acordasse... E quem, quem sabe  
Si este somno depois de tanta angustia,  
Este somno tranquillo em leito estranho  
E' a imagem do somno sobre o tumulto?  
Um precursor da morte? Deos! quem sabe  
Si é da vida este somno o derradeiro,  
Seu ultimo descanso sobre a terra,  
E que acordando, em vez de ver a aurora,  
Perca a paz, e caminhe p'ra masmorra!  
Ah quem escapa ao tribunal de sangue,

Quando elle quer ferir? Tudo é inutil  
 Nem vale a protecção, nem a innocencia,  
 Nem o Rei de seu golpe está seguro!  
 Oh desgraçado Antonio! — E elle repousa!  
 E elle dorme tão perto da masmorra! (*Caminhando  
 para o oratorio*).

Oh Mãe do Redemptor, velai sobre elle,  
 Pedi por elle ao vosso Filho amado;  
 Sim, oh virgem da graça. (*Ajoelha-se*)

— Eis-me prostrada

A vossos pés, oh Mãe dos infelizes;  
 Tende de mim piedade; d'uma pobre  
 Criatura sem Pai, sem Mãe, sem filhos,  
 Que se lembrem de mim, que me socorram.  
 Abracei uma vida de amarguras,  
 Mas fujo do peccado, amo a virtude,  
 E appareço no mundo das calumnias  
 Sem infamia, sem crime, e tudo devo  
 No céo á vós, na terra à este homem;  
 Sim vós sois minha Mãe, elle tem sido  
 Sempre meu protector, meu Pai, e amigo.  
 Não permitaes, oh Virgem, qu'elle soffra,  
 Qu'elle morra, e qu'eu fique desgraçada. (*Antonio  
 José suspira da parte de dentro*).

Que gemido, oh meu Deos! eu acordei-o (*Levanta-se*):  
 Sem duvida acordei-o... Talvez sonhe. (*Suspira de  
 novo*).

Nem dormindo repousa o malfadado. (*Caminha para a porta do quarto*).

Escutemos... parou... nada... é que dorme. (*Voltando para o meio da scena, olha para o oratorio*).

Lembrai-vos d'elle. (*Limpa os olhos, e abre uma janella que deita para a rua*).

Como tarda Lucia.

Que noite escura! O céu como está negro!

Oh que noite de horror! nem uma estrella.

(*Soam 10 horas n' um sino de Igreja. Marianna conta em voz baixa as horas*).

Dez horas!... como a rua está deserta!

E Lucia inda não vêm! Oh que martyrio. (*Feixa a janella, e vem para a scena*).

Que afflicção para mim; quantos tormentos.

E amanhã como posso ir ao theatro?

Como desempenhar a minha parte?

Não posso deixar de ir, é necessario

Trabalhar toda a noite e todo o dia. (*Caminha para a meza, toma um papel e reflecte*).

Ignez de Castro!.. que papel difficil!

Não preciso fingir, assás magoada

Estou p'ra interpretar paixões alheias.

Vejamos, ensaiemos esta scena. (*Dispondo a scena para representar*).

A ama aqui está; ali sobresaltado

O côro me annuncia a minha morte,

Que o Rei, e armada gente me persegue.  
 Em torno de mim choram ; quasi insana,  
 Cheia de horrór, eu vejo meus filhinhos ;  
 Quero fugir, exclamo : — \* » Sonhos tristes ! (*Trans-  
 portada*),

- » Sonhos crueis ! porque tão verdadeiros
- » Me quizestes sair ? oh spirito meu,
- » Como não creste mais o mal tamanho
- » Que crias, e sabias ; Ama, foge,
- » Foge d'está ira grande, que nos busca,
- » Não quero mais ajuda, venha a morte,
- » Morra eu, mas innocente.

## SCENA II.

## MARIANNA E ANTONIO JOSÉ.

ANTONIO JOSÉ *entra furioso sem ver Marianna  
 como perseguindo alguém.*

Morre, morre,  
 Eu me vingo de ti, monstro nefando !

MARIANNA.

Que escuto ! oh ceos ! que vejo !

ANTONIO JOSÉ.

Morre, morre.  
 Não podes escapar ; não. (*Lutando só no meio da scena*).

MARIANNA.

Que delirio! (*Corre para elle*).

Vós sonhaes; acordai, Sr. Antonio!

ANTONIO JOSÉ.

Onde está? p'ra que lado elle escondeo-se?

MARIANNA.

Não ha ninguem aqui, eu tão somente,  
E vós: estamos sós.

ANTONIO JOSÉ.

Então qu'è delle?

MARIANNA.

Isso é sonho.

ANTONIO JOSÉ.

Quem és?

MARIANNA.

Sua Marianna.

Sou eu mesma;... aqui stou a vosso lado.

ANTONIO JOSÉ *abraçando-a*.

Pobre Marianna! Que segura ardente.

MARIANNA.

Quer agua? eu vou buscar. (*Sai*).

## SCENA III.

ANTONIO JOSÉ *só, assenta-se.*

Que sonho horrivel!

Onde estou eu?... Em casa de Marianna...

Como estou! (*Examinando seu vestuario*).

Acordei sobresaltado...

Que suor frio! estou gelado,... eu tremo...

Que pezo sobre a frente;... que segura...

Tenho a garganta ardente.

## SCENA IV.

ANTONIO JOSE' E MARIANNA.

MARIANNA.

Eis aqui agua;

Beba d'uma só vez.

ANTONIO JOSÉ *depois de ter bebido.*

Como é suave!

Oh que prazer!

MARIANNA.

Quer mais?

ANTONIO JOSÉ.

Basta, Marianna

Meu capote?

MARIANNA.

Aqui o tem.

ANTONIO JOSÉ *levantando-se.*

Estou suando.

MARIANNA.

Quer deitar-se?

ANTONIO JOSÉ.

Isso não; dormir não posso,  
Quer antes passear, p'ra distrahir-me,  
O exercicio convem-me. Dá-me o braço.

MARIANNA *passea d'um lado a outro.*

Fui eu que o acordei c'o as minhas vozes?

ANTONIO JOSÉ.

Não, Marianna; eu sonhava com serpentes,  
E não sei com que mais... Era uma moça...  
Espera, que me lembro, (*Pára como para lembrar-se.*)

Eu?... sim, eu mesmo.

A via perseguida, por um homem  
Todo coberto co'uma capa preta,  
Que sobre uma fogueira a empurrará;  
A moça me chamava a seu soccorro,  
Gritava por meu nome: eu corro á ella,  
Chego, vejo-a; — E quem cuidas qu'ella fosse?

MARIANNA.

Quem?

ANTONIO JOSÉ.

Eras tu, Marianna!

MARIANNA *assustada*.

Oh Deos!

ANTONIO JOSÉ.

Tu mesma!

MARIANNA.

Será presentimento!..

ANTONIO JOSÉ.

Mal te vejo

Co' o pé ja na fogueira, a ti me arrójo,  
 Per um braço te arranco; ia salvar-te,  
 Quando prezo me vejo, e rodeado  
 De multidão de frades, povo e tropa.  
 Era um auto de fé! O sancto officio!  
 Tu a meus pez estavas desmaiada;  
 Então sacudo o corpo, solto os braços,  
 Tiro a espada, e colérico investindo  
 Contra a fogueira, espalho sobre a praça  
 E sobre a multidão tições accesos.  
 Tudo foge; o incendio ja lavrava;  
 Entre o fogo um só homem me resiste,  
 Um só homem! seus olhos scintillavam.  
 Não reflecto; co' a espada enfio as chammas,  
 Cego, co' o braço alçado, a elle corro



Frenetico gritando: morre, morre;  
 D'um lado a outro atravessei-lhe o peito,  
 Tiro a espada, de novo ia feril-o,  
 Ergue-se o monstro; ri-se; e não o vejo,  
 Procuro, em vão forcejo; e nisto acordo.

MARIANNA *depois de um momento de silencio.*

Este sonho quem sabe o que annuncia?

ANTONIO JOSÉ.

Cousa nenhuma; o cerebro exaltado  
 Produz estas vizões extravagantes.

MARIANNA.

Os sonhos muitas vezes nos revelam  
 Desgraças, que acordados não prevemos.

ANTONIO JOSÉ.

Sim, ha casos.

MARIANNA.

E casos bem notaveis.

ANTONIO JOSÉ *pensando.*

Ha dias asiagos, em que o homem,  
 Em profunda tristeza mergulhado,  
 Se esquece de si mesmo, e se concentra  
 No mundo interior da consciencia,  
 N'este abysmo mais vasto do que o mundo,  
 N'este mysterio occulto, indefinível,  
 N'esta imagem de Deos em nós contida,

Que relata o passado, ama o futuro.  
Parece então que o homem se envergonha  
De tão pouco saber, de ter vivido  
Sem saber o qu'elle é. Então se eleva  
Nesse mundo ideal; não se contenta  
Co'o mundo dos sentidos; quer lançar-se  
Alem do espaço que seus ollos medem,  
Quer prever, quer fallar co'o Ser Divino,  
Quer saber o que é sonho, o qu' é a morte,  
O homem que nem sabe o qu' é a vida;  
Afirma sem provar, sem saber nega.  
Ora, a noite os mysterios apadrinha,  
Seu horror, seu silencio nos cercando  
Como as negras paredes da masmorra  
As creações da mente favorecem,  
E vasto campo dão á phantasia,  
Que em largo vôo então desdobra as azas,  
Mil mundos invisiveis visitando.  
Quem sabe si estas sombras fugitivas  
Como cometas que nos céos deslisam,  
Que nós vemos de noite, e que nos fallam,  
São simulachros de invisiveis seres?  
Quem sabe si as visões, si os nossos sonhos  
Orac'los são do intimo sentido,  
Que o homem deve interpretar? Quem sabe?..  
Inda eu hoje sonhei... Oh ja descubro (*Pensando  
profundamente*),

MARIANNA *interrompendo-o.*

O que, Senhor, o que?

ANTONIO JOSÉ *distrahido dando com a mão para o ludo.*

Espera, espera.

Como me ia esquecendo;... Sim foi hoje,

Foi esta noite, não;... eu não me engano...

A Inquisição... eu fui denunciado.

E eu cuidava que tudo isto era sonho! (*Como tornando a si*).

Como tenho, meu Deos, esta cabeça!

Como estava esquecido.

MARIANNA.

Melhor fôra,

Que tão serio em taes cousas não pensasseis ;

Vossa imaginação é tão ardente,

Que a tudo a que se dá não acha termo.

ANTONIO JOSÉ.

Dias ha em que o homem stá disposto

A pensar seriamente, e a crer em tudo.

Não sei, isto me afflige... e o que me occupa

E' saber n'este sonho porque causa

Tu'ias p'ra fogueira, estando eu livre ;

E como isto se explica.

MARIANNA.

Oh Lucia! Lucia!

Como tarda!

ANTONIO JOSÉ.

E' verdade, onde está Lucia?  
Ainda não voltou?

MARIANNA.

Tardar não pode,  
Eu espero por ella a todo o instante.

ANTONIO JOSÉ.

E' provavel que o Conde tambem venha.

MARIANNA.

Não sei o que minh'alma presagia!  
Si ella foi encontrada? Que desgraça!  
Aquella carta... Que maior denuncia.

ANTONIO JOSÉ.

Oh é verdade! Que erro! Que loucura.  
Não ter previsto! Condemnar-me eu mesmo!  
Comprometter o Conde: e a ti, Marianna,  
A ti, sim, que me déste asylo em caza.  
Talvez que a seu pezar Lucia confesse  
Qu'eu aqui stou. Oh Deos, será possivel  
Qu'eu arraste commigo a tua queda,  
Que á fogueira tambem commigo subas!  
Tu... E o meu sonho!.. Oh sonho! eu jate entendo.

MARIANNA.

E que importa, Senhor, si verifique  
Esse sonho terrivel? Por ventura

Tem a vida p'ra mim tantos encantos  
 Que eu não saiba morrer com rosto firme !  
 Salvai-vos, eis aqui o que desejo,  
 Morra eu, si for mister... Mas vós...

ANTONIO JOSÉ.

Marianna,

Não me enteneças nesta crise horrenda.  
 De que nos servem lagrimas n'esta hora?  
 Não se pode perder um só instante ;  
 Fugir, ou esperar que Lucia volte ;  
 Ou talvez affrontar o bando infame  
 De meus perseguidores; sim, feril-os,  
 Morrer, matando, defendendo a vida ;  
 Decide tu, Marianna. (*Batem na porta*).

MARIANNA.

Senhor, batem.

ANTONIO JOSÉ.

Serão elles?

MARIANNA.

Quem bate?

LUCIA *da parte de fora*.

Abra, Senhora.

MARIANNA.

E' Lucia, é Lucia. (*Indo abrir a porta apressada*).

ANTONIO JOSÉ *rindo-se de contentamento, corre para Lucia que entra.*

Emfim, estamos salvos.

**SCENA V.**

ANTONIO JOSE' MARIANNA, E LUCIA *que entra com uma caixa.*

ANTONIO JOSÉ.

Vem, abraça-me, Lucia! o qu'ha de novo?  
Que me trazes ali? o que te disse  
O Conde de Ericeira?

LUCIA.

Aqui lhe trago  
Esta caixa, não sei o que vem dentro:  
Eis a chave.

MARIANNA.

Vejamos.

ANTONIO JOSÉ.

E mais nada?

LUCIA.

Deo-me mais uma carta. (*Mettendo a mão no bolso*).

ANTONIO JOSÉ.

E tu perdeste-a?

LUCIA.

Creio que não, metti-a n'este bolço ;  
Eil-a.

ANTONIO JOSÉ *arrebatao a carta.*

Pois da-me-a cá; nunca tens pressa.

O Conde é meu Amigo, eu bem sabia  
A quem me dirigi (*lento*) » Meu caro Amigo,  
» Eu tenho a meza prompta á tua espera;  
» Vem commigo cear, posto que tarde  
» Podemos rir sem medo: a ceia é fria,  
» Não te has de queimar. » — Eu bem o entendo!  
(*Reflectindo sobre a carta*).

Fez bem de me escrever d'esta maneira.  
O que vem n'essa caixa?

MARIANNA.

Um vestuario

De criado do Conde.

ANTONIO JOSÉ.

Oh bella ideia!

Vai-te, Lucia, de ti não precisamos. (*Vai-se Lucia*).

## SCENA VI.

ANTONIO JOSÉ, E MARIANNA.

ANTONIO JOSÉ *começa a vestir-se de criado do Conde.*

Não tenho medo agora:... estou zombando  
Dos taes Familiares... que me encontrem,

É com este disfarce me conheçam.  
 Não posso perder tempo; adeos, Marianna. (*Abra-  
 çam-se*).

MARIANNA.

Adeos.

ANTONIO JOSÉ.

Adeos!.. Tu podes lá ir ver-me;  
 Ou eu te escreverei; não tenhas medo;  
 Não chores. Amanhã nós nos veremos.

MARIANNA *caminhando para a porta*.

Não sei meu coração porque stá triste!  
 Parece que algum mal inda adivinha. (*Batem na  
 porta*).  
 Batem! Tão tarde! (*Param*).

ANTONIO JOSÉ.

O Conde talvez seja,  
 Que me quiz preparar esta surpresa.  
 Vou abrir; é o Conde certamente (*Quer ir abrir a  
 porta, Marianna o retém segurando-lhe no braço*).

MARIANNA.

Senhor, o que fazeis? eu não consinto.  
 Convem não arriscar a vossa vida.  
 Esperai. Que temor me nasce n'alma. (*Batem  
 de novo*).  
 Bate-me o coração; tremo de medo.



ANTONIO JOSÉ.

Que receias?

MARIANNA.

Senhor, quereis ouvir-me?

Retirai-vos, por Deos, em quanto vejo

Quem é que bate.

ANTONIO JOSÉ.

Bem, eu te obedeco (*Retira-se*).

SCENA 7.

MARIANNA *vai abrir a porta, entra Frei Gil.*

MARIANNA.

Oh Deos! (*Recuando cheia de espanto*).

FREI GIL *fazendo uma grande reverencia,  
e com ar muito religioso.*

Sou seu Ministro, e humilde servo.

E Deos esteja em vossa companhia.

De que temeis? Estais tão agitada!

Minha presença acaso horror inspira?

MARIANNA.

Na graça do Senhor sejais bem vindo.

FREI GIL.

Amen.

MARIANNA.

Pedis esmola p'ra algum Santo?

O que quereis de mim?

FREI GIL.

Oh nada, nada!

A uma obra pia a compaixão moveo-me;  
 Só por amor de vós deixei o claustro  
 P'ra vos servir, salvar-vos. Mas eu vejo  
 Que me convem sair; eu vos molesto.

MARIANNA.

Ah não, Senhor, perdão, perdão vos peço.  
 Desculpai meu receio mal fundado.

FREI GIL.

Receio! uma christã, d'um sacerdote?  
 D'um Ministro de Deos? Algum peccado,  
 Algum crime vos punge a consciencia?  
 Tendes horror da Igreja?

MARIANNA.

Ohi, por piedade  
 Não me' julgueis culpada, e vossa bençã  
 Vos peço humilde. (*Curvando a cabeça*).

FREI GIL.

Filha, socegai-vos.  
 Ha muito qu'eu quizera prochnar-vos,  
 Para vos evitar uma desgraça.

MARIANNA.

Desgraça? (*Com vehemencia*).

FREI GIL.

Sim, e que desgraça horrivel!  
Só eu sei o perigo a que me exponho,  
Vindo vos procurar p'ra prevenir-vos.

MARIANNA.

Como, Senhor, por mim tanta bondade!  
Como de vosso amor me fiz credora?

FREI GIL.

Dir-vos-ei de vagar; o caso é grave;  
E vendo-me aqui só a vosso lado  
Não posso ainda entrar em mim.

MARIANNA.

Sentai-vos.

FREI GIL *senta-se.*

E vós ficais de pé?.. tomai assento.

MARIANNA.

Estou bem.

FREI GIL.

Então m'ergo. (*Querendo levantar-se.*)

MARIANNA.

Eu obedeco. (*Senta-se.*)

FREI GIL.

Deixai-me respirar. Ninguém nos ouve?

MARIANNA.

Ninguem.

FREI GIL.

Como dizia: um mal ingente  
Vos ameaça há muito. O Sancto Officio  
Tem olhos sobre vós.

MARIANNA.

O Sancto Officio?  
E porque? Inda mais este martyrio!

FREI GIL.

Eu não sei a razão, nem saber quero.  
Só desejo servir-vos, mesmo quando  
Tudo quanto se diz seja verdade.  
Vós sois comediante, ides á scena,  
E esse mundo profano vos conhece:  
A vida que passais é despresivel.  
Mereceis melhor sorte; eu conduido  
Quero vos proteger, quero salvar-vos.  
Sois alvo da calumnia, e mais não digo.  
Vós me entendeis.

MARIANNA.

O que? estou suspensa?  
O que devo eu fazer? qual é meu crime?

FREI GIL.

Já que vós o quereis, á custo o digo:

Um Antonio José, qu'eu não conheço,  
E que talvez n'esta hora em que vos fallo  
Na Inquisição esteja por seus crimes...

MARIANNA.

Crimes! elle? Senhor, 'stais illudido.

FREI GIL.

Si o defendeis, oh filha, estais perdida.  
Não toqueis em seu nome: ignore o mundo,  
Ignore a Inquisição, que um amor cego,  
Um amor criminoso em vós existe.

MARIANNA.

Não amor criminoso; puro, e sancto  
E' o amor que nos une; o céo o inspira  
N'uma alma nobre, indigna de baixeza,  
Uma alma como a minha; he a amizade,  
Mais forte que o amor. E' isto um crime?

FREI GIL.

Folgo de vos ouvir, mas vos declaro,  
Que o mundo com razões não se embaraça,  
O mundo vos não crê.

MARIANNA.

Eu o desprezo,  
Por propria experiencia eu o conheço,  
E a minha profissão abrio-me os olhos  
Sobre o qu'è mundo: e sem temor vos digo

Que por meu protector darei a vida,  
Que não me salvarei para perdê-lo.

FREI GIL.

Vós deveis consultar vosso interesse.

MARIANNA.

Mas primeiro o dever; e o céo me obriga  
A seguir o dever.

FREI GIL.

Pois bem, segui-o ;  
Com Antonio José ide á fogueira,  
Ide morrer no meio d'uma praça,  
De povo apinhoadá, qu'ha dous dias  
No theatro vos dava mil applausos.  
Ninguem vos chorará, pobre Senhora,  
Eu só devo chorar, e no meu claustro  
Resarei por vossa alma (*Enxugando os olhos*).

MARIANNA.

Oh scena horrivel !

Meu Antonio José !

FREI GIL.

O seu processo  
Comprometter vos deve ; elle não pôde  
Escapar, e nem vós. Porem, Senhora,  
Si vós o não amais, si é amizade,

Quem vos une, convem antes salvar-o,  
Do que morrer com elle inutilmente.

MARIANNA.

Salvar-o? e como?

FREI GIL.

Um protector zeloso  
Tendes em mim; meu credito, e dinheiro,  
Tudo pode vencer; porem primeiro  
Deveis vos occultar. N'este momento  
Tenho uma casa prompta, á vossa espera,  
Nada vos faltará; a vosso lado  
Constante velarei de dia e noite.  
E de Antonio José nós trataremos  
Com mais vagar, que o seu negocio é serio;  
Não se decide assim. Vinde, Senhora,  
Sou vosso protector, vinde commigo.

MARIANNA.

Quem? eu? sair daqui? é impossivel  
Sem Antonio José?

FREI GIL.

Que pertinacia!  
Quereis morrer na flor de vossos annos?  
E por quem? Por quem só vos causa a morte!  
A ira despresais do Sancto Officio,  
E em mim vós insultais sua piedade.

Ja que me desprezais, eu vos desprezo:  
 Mas eu me vingarei de vós, e delle.  
 Desse Judeo.

*(Antonio José ouvindo estas palavras, mostra-se entre os bastidores, e insensivelmente vem tremendo, sem ser visto, como impellido por hum ataque convulsivo).*

**SCENA VIII.**

MARIANNA, FREI GIL, E ANTONIO JOSE'

ANTONIO JOSÉ *tremendo de colera investe ao peito de Frei Gil, este se curva com a força, tremendo de medo.*

Hypocrita maldito,  
 Nas minhas mãos estais, treme, malvado,  
 Infame seductor... Oh ja te curvas!  
 Onde está o poder que blazonavas?  
 Cuidavas estar só, e que podias  
 A teu salvo enganar, com vãos discursos,  
 Uma pobre mulher?

FREI GIL.

Oh por piedade!

ANTONIO JOSÉ.

Piedade de ti!.. morre malvado. *(Como querendo suffoca-lo com as mãos).*



MARIANNA *correndo para elle.*

Senhor, qu'ides fazer; por Deos vos peço,  
Não vos cegueis.

FREI GIL.

Perdão, não sou culpado,  
Era p'ra vosso bem qu'eu trabalhava.

ANTONIO JOSÉ *com um riso ironico misturado de indignação.*

Para meu bem! Que infame hypocrisia!  
Como espia a trahição naquelles olhos!  
Como a impudencia treme-lhe nos lábios!  
Não sei quem me retém? Que miseravel!  
Sai de meus olhos, sai, põe-te na rua,  
Já, e já antes qu'eu de ti me vingue.  
(*Sai Frei Gil, recuando com a cabeça baixa.*)

SCENA IV.

ANTONIO JOSE' E MARIANNA.

MARIANNA.

Que fizestes, Senhor? allucinado  
A conhecer vos destes.

ANTONIO JOSÉ.

Nada temas,  
Elle não me conhece, e sobre tudo  
Com este vestuario. Não o ouviste,  
Que até pensa que estou já na masmorra!

Assim é, mas convem acautelar-vos.

O Conde vos espera.

ANTONIO JOSÉ.

Sim, eu parto.

Bem me custa deixar-te.

MARIANNA.

E' necessario

ANTONIO JOSÉ (*Abraçam-se*).

Adeos, Marianna.

MARIANNA.

Adeos. (*Apertando a mão*).

ANTONIO JOSÉ.

Nós nos veremos. (*Saindo*).

MARIANNA.

Deos permita que sim.

ANTONIO JOSÉ *já na porta*.

A Deos me entrego.



## ACTO TERCEIRO.

### SCENA I.

Vista de sala em casa do Conde de Ericeira ; uma mesa no meio, sobre a qual estarão varios livros e papeis; entre elles um livro mais para um lado, dentro do qual estará a carta que Antonio José escreveu ao Conde.

O CONDE DE ERICEIRA *passeando.*

O que devo eu fazer? Fôrmo mil planos  
Para salvá-o, mas nenhum me agrada.  
Talvez fosse melhor ir ao convento  
Empenhar-me por elle ;... ou mesmo á casa  
Do grande Inquisidor... Mas d'outro lado  
Pode muito bem ser qu'elle sabendo  
Que eu o protejo, e que lhe dei asylo,  
Mais de pressa o persiga, e até me force  
A responder por elle ao Sancto Officio.  
Pobre Antonio José ! e sobre tudo  
Sendo de judaismo a sua culpa.  
S'elle fugir quizesse, eu poderia  
Alguns metros prestar-lhe. O mais prudente,  
E' bem nos informar d'esta denuncia,  
Dar tempo a tudo, até qu'elles se esqueçam.  
Como elle está seguro em minha casa

Podemos reflectir com madureza. (*Toca a campai-  
nha, e apparece um creado.*)

Vê si Antonio José está dormindo,  
Siuão, qu'eu o espero. (*Sai o creado*) Em caso d'estes  
Convem prever a tempo as consequencias.

Eu não creio o negocio entregue ao acaso,  
Tem mil difficuldades certamente,  
Mas nada é impossivel... Oh! (*Virando-se, dá com  
Antonio José que vem para elle.*)

SCENA II.

O CONDE, E ANTONIO JOSÉ.

ANTONIO JOSÉ.

Bons dias.

O CONDE.

Cuidei qu'hoje do leito não saisses !

ANTONIO JOSÉ.

Ao contrario, ha bem tempo que deixei-o ;  
Não se pode dormir a somno solto  
Quando se vê a espada de Damocles  
Pendente sobre a fronte.

O CONDE.

A phantasia  
Creio que agora em ti mudou de cores.  
Não gosto de te ver co'um ar tão triste.

Onde estão as satyricas facecias  
Com que outr'ora zombavas d'este mundo?

ANTONIO JOSÉ.

Eis dos homens a fraca natreza !...  
Que mudança fiz eu d'hontem p'ra hoje.  
Nem me conheço mais! Muda-se a sorte,  
Muda-se o nosso genio! Eis como somos ;  
E a razão poucas vezes nos governa.  
Si felizes, alegres nos mostramos,  
Amamos o prazer, o jogo, o riso,  
A dança, tudo emfim quanto transporta  
Os sentidos na escala dos deleites ;  
E no meio das nossas alegrias  
Do dia de amanhã nos esquecemos ;  
Em quanto nós folgamos, outros soffrem,  
Insultamos a dor dos outros homens,  
Nem nos lembramos que o prazer é sonho,  
E que só a desgraça é realidade.  
Mas de repente a scena se transforma.  
Do scio do prazer surge o infurtunio,  
E apparece a razão com ar sombrio  
De tristes pensamentos rodeada ;...  
Então das illusões o veo se rompe ;  
Vemos a nossos pés aberto o abysmo,  
Que de flores cobria a flicidade ;  
Conhecemos então o que nós somos ;

Mil perigos então se nos antolham ;  
Fugimos do prazer, odiando o mundo,  
E co'a morte e a verdade deparamos !..  
Oh contrastes da vida! Oh dia! Oh noite!  
Cruel alternativa! E sempre cego  
Levar se deixa o homem pelo mundo.  
Parece que a razão envergonhada  
De nada ter servido nos prazeres  
Nos deixa na desgraça.

O CONDE.

A culpa é nossa,  
Que da razão tão pouco nos servimos.

ANTONIO JOSÉ.

Nossa, sim, mas não tanto; grande parte  
Tem n'ella nossos Pais, e nossos mestres,  
Que são da nossa infancia responsaveis.  
Nunca a razão nos falla per seus labios,  
Sempre o terror, o medo e o servilismo  
E os erros que co'o berço recebemos  
Tarde ou nunca perdemos.

O CONDE.

Meu Amigo,  
Só a philosophia nestes casos  
Da nossa infancia os males curar pode.

ANTONIO JOSÉ.

Sim, a philosophia! Onde está ella?  
Termo pomposo e vão... Quereis qu'eu chore  
Como Heraclito sempre atrabilario,  
Aborrecendo os homens com quem vivo?  
Ou qu'eu como Democrito me ria  
De tudo quanto vejo? — Per ventura  
N'isto consiste a natureza humana?  
Quereis qu'eu seja estoico como Zeno,  
Que diga que não soffro, quando soffro?  
Per ventura não somos nós sensiveis?  
Quereis que de Epicurio as leis seguindo,  
So me entregue ao prazer, ou que imitando  
A Crates, e a Diogenes, me cubra  
Com rôto manto, e viva desprezado,  
Sem me importar co'as cousas d'este mundo,  
Como o cão que passeia pelas ruas?  
Si eu vou seguir de Socrates o exemplo,  
Pugnar pela razão, a morte é certa.  
Quando toda a nação está corrupta,  
Embebida no crime, e espesinhada  
Per homens viciosos, quem se affouta  
A seguir a virtude, muito soffre.  
Para viver então é necessario  
Que o homem se converta n'um malvado,  
Que seja adulator, vil, intrigante,  
P'ra ser aceito, e ter assento entre elles.

Tens razão no que dizes, não a nego ;  
Mas, pensando melhor, e a sangue frio  
Deveis me conceder que a maior parte  
Dos homens não reflectem seriamente  
No que devem fazer, não é extranho  
Qu'elles errem ; porem nós Litteratos,  
Nós que somos Poetas e Philosophos,  
Que temos por dever servir de exemplo,  
Ja que Deos outhorgou-nos o talento  
P'ra servirmos de guias aos mais homens,  
Não devemos obrar como elles obram.  
Nós podemos de cada seita antiga  
Extrahir o melhor; nunca devemos  
A' risca respeitar nossos costumes,  
Antes s'elles são máos satyrisal-os,  
Nem tambem atacal-os face á face,  
Que então caimos no geral desprezo.

ANTONIO JOSÉ.

Que quereis a final? que o vate seja  
Poeta cortezão, que se mascare,  
Que nunca diga as cousas claramente,  
Que combine a verdãde co'a mentira!  
Poeta que calcula quando escreve,  
Que lima quanto diz p'ra que não fira,  
Que procura agradar a todo o mundo,



Que, medroso, não quer comprometter-se,  
Que vá poetizar para os conventos.  
Eu gosto dos Poetas destimidos,  
Que dizem as verdades sem rebuço,  
Que a lyra não profanam, nem se vendem.  
Estes sim, são Poetas. Quanto aos outros,  
São algozes das Muzas, mercadores  
Que fazem monopolio da poesia,  
Com que escravos adulam seus senhores.  
Quando escrevo meus Dramas não consulto  
Senão a Natureza, ou o meu genio;  
Si não faço mellhor, é que não posso.

O CONDE.

Tu peccas por que queres ; bem podias  
Compor melhores Dramas, regulares,  
Imitar Molière ; tantas vczes  
Te dei este conselho.

ANTONIO JOSÉ.

Eu o agradeço.

Molière escrevia p'ra Francezes,  
Para a corte do Grande Luiz quatorze,  
Para um Rei que animava Artes e Lettras.  
E eu para Portuguezes só escrevo ;  
Os genios das Naçoens são differentes.  
E de mais per ventura por meus Dramas  
Sou eu denunciado ao Sancto Officio ?

Creio que não. Os frades hem se importam  
 Que eu faça o povo rir. Tomaram elles,  
 E todos os maudões que nos governam,  
 Que o povo só procure divertir-se,  
 Que viva na ignorancia, e não indague  
 Como vão os negocios, e que os deixem  
 A seu salvo mandar como elles qucrem.  
 Com tanto que os impostos pague o povo,  
 Que cego, e mudo soffra, e obedeça,  
 Que viva sem pensar, elles consentem  
 Que o povo se divirta.

O CONDE.

Meu Antonio,

Tu tens razão em parte; mas o povo  
 E' culpado tambem por que obedece;  
 Quem tem a força em si por que se curva?  
 O qu'ê Nação? a somma de escriptores,  
 D'Artistas, mercadores, e empregados,  
 Gente do campo, frades, e governo:  
 Todos querem ganhar a todo o custo,  
 Ninguem quer arriscar, d'isto resulta  
 A total decadencia em que vivemos.

ANTONIO JOSÉ.

Como vai Portugal! Que triste herança  
 Receberam de nós os nossos filhos!  
 Tantas lições sublimes de Heroismo.

Tantos feitos dos nossos bons Maiores,  
 Patriótico zelo, amor da gloria  
 N'um seculo estragamos! Nada resta!  
 Que contraste terrivel! Como um dia  
 Nossos annaes a historia relatando  
 Apparecer devemos! Com que opprobrio,  
 Com que desprezo as gerações futuras  
 Dirão de nós, julgando nossos fastos:  
 — Erã de corrupção e decadencia!  
 E que fazemos nós? A passos largos  
 Marchamos para a queda. E que não haja  
 Um braço forte, um braço de gigante,  
 Qu'entre nós se levante, e nos sustente!  
 Como as Nações se elevam, se engrandecem,  
 E como pouco a pouco se degradam!  
 Torna-se o povo escravo, os Reis tyrannos.  
 Onde está Portugal? Nação que outr'ora  
 Do mar o sceptro sustentava ufana,  
 E mandava seu nome a estranhos povos?  
 A Hespanha, que terror impunha á Europa,  
 Quando n'ella imperava Carlos Quinto,  
 O qu'è hoje, depois qu'esse tyranno  
 Sanguinario Philipe ergueo-se ao throno?  
 E essas Nações antigas, Grecia, e Roma,  
 Mães de tantos heroes, de tantos sabios,  
 Por que se despenharam da grandeza?  
 Por que a corrupção dos governantes

Até aos cidadãos tinha passado.  
 Nasce de cima a corrupção dos povos.  
 Sim os governos sós são os culpados  
 Da queda dos Imperios; máos exemplos  
 São sempre pelos homens imitados:  
 Quando á testa do estado se apresenta  
 Um homem sem moral, falto de luzes,  
 Que as honras Nacionaes vende á lizonja,  
 Quem o circúla imita seus costumes,  
 E este per sua vez é imitado,  
 Té que de gráo em gráo, sempre descendo,  
 A servidão ao povo contagia:  
 Tudo perdido está; só a vergonha,  
 Só a miseria, e opprobrio então se espera.

O CONDE.

Assim é, mas em quanto o povo dorme  
 O remedio é soffrer com paciencia.

ANTONIO JOSÉ.

O povo acordará.

O CONDE.

A elle toca  
 Defender seus direitos. Mas eu vejo  
 Qu'elle se cala, e mostra estar contente.

ANTONIO JOSÉ.

Não se devem fiar, Como o camello,

Sustenta o povo a carga em quanto póde,  
 E quando excede o peso ás suas forças,  
 Ergue-se, e marcha, e deixa a carga, e o dono.

O CONDE.

Pois que s'erga, e que marche, eu não o impeço.  
 Eu não sou d'esses nobres occiosos  
 Que pesam sobre o povo, nem desejo  
 Que reine a tyrannia, ou a ignorancia.  
 Trabalho pela patria e pela gloria ;  
 Posto que seja conde, sou Poeta ;  
 Sei que um bom escriptor vale mil condes,  
 E curo de deixar uteis escriptos.

ANTONIO JOSÉ.

Oh, senhor, vós sois nobre duas vezes,  
 Nobre pelas acções, nobre no genio,  
 Sem fallar na nobreza dos Palacios.

SCENA III.

O CONDE, ANTONIO JOSE', E UM CREADO.

O CREADO.

O almoço está na mesa.

O CONDE.

Oh, é verdade,

Vai almoçar.

ANTONIO JOSÉ.

Eu só?  
 9\*

O PORTA

O CONDE.

Pois que cuidavas?

Eu almoço mui cedo, não chamei-te  
A' hora, por cuidar que então dormias.

ANTONIO JOSÉ.

Então bem, até ja.

O CONDE.

Aqui te aguardo.

**SCENA IV.**

O CONDE só.

E' hum homem de genio. Assim o Estado  
Soubesse aproveitar o seo talento;  
Assim o genio governasse o mundo,  
Ou então entre os Reis, e as classes nobres  
Só deviam nascer os grandes homens.

**SCENA V.**

O CONDE, E UM CREADO.

O CREADO

Senhor Conde, aqui'stá uma senhora,  
Que pedé uma audiencia.

O CONDE.

Da-lhe entrada (*Sai o creado*).

## SCENA VI.

## O CONDE, E MARIANNA.

O CONDE.

Oh, Senhora Marianna! é a Senhora!

MARIANNA.

Sou de vossa Excellencia humilde serva.

O CONDE.

Sentemo-nos p'ra qui (*sentam-se*) Que determina?

MARIANNA.

Desculpe-me o Senhor Conde, eu desejo  
Saber noticias do infeliz Antonio.

O CONDE.

Commigo está.

MARIANNA.

E crê o Senhor Conde

Qu'elle possa escapar?

O CONDE.

Julgo provavel.

Fujo de lhe fallar sobre este ponto,  
De modo qu'elle ainda não contou-me  
Como soube que foi denunciado.

MARIANNA.

Fr. Euzebio, qu'é muito seu amigo,  
Foi quem o prevenio hontem de noite

Vou mandal-o chamar, eu o conheço. (*Toca a campainha, e apparece o creado, e entretanto escreve um bilhetinho que entrega ao creado*).

Vai aos Dominicanos, e procura  
O Padre Euzebio; entrega-lhe este escripto,  
Que venha já. Oh lá, não te demores. (*Volta para o meio da scena e senta-se*).

Não sei ainda o que será, eu penso  
Qu'isto é uma invenção de Frei Euzebio,  
Sem fundamento algum; qu'elle dissesse  
Somente para rir, e causar medo.  
Posto que seja um Padre respeitavel,  
Incapaz de mentir, mas por galhofa,  
Como Antonio José é engenhoso,  
Talvez lhe esta pregasse.

MARIANNA.

O céo quizesse  
Que o caso fosse assim! Mas eu não creio.  
Para mim sempre é certa uma má nova.

O CONDE.

Eu penso d'outro geito, e mais me inclino  
A crer no que desejo.

MARIANNA.

O Senhor Conde



Podendo effectuar os seus desejos  
 Pode crer, mas não eu, pobre coitada,  
 Que d'insano trabalho me sustento.

O CONDE.

Todos nós trabalhamos mais ou menos.  
 Diga-me, hoje que Drama vai á scena.

MARIANNA.

A *Castro* de Ferreira.

O CONDE.

E representa?

MARIANNA.

Sim, Senhor.

O CONDE.

La heide ir, eu quero vel-a  
 N'essa parte sublime, e tão difficil.  
 E' do nosso theatro o melhor Drama,  
 (Que tão mesquinho é elle) a obra prima  
 Do nosso bom Ferreira, que até hoje  
 Não achou quem a palma lhe roubasse.  
 Eu gosto do Theatro, e tenho pena  
 Qu'este Antonio José não se elevasse  
 Ao genero sublime da tragedia,  
 Ou da boa comedia.

MARIANNA.

Suas Operas

Sempre são applaudidas pelo povo.

O CONDE.

Quizera antes que fossem pelos sabios.  
 Quanto á mim, um auctor trabalhar deve  
 Por amor de sua arte tão somente.  
 Mas Antonio José, apesar disto,  
 E' um digno rival de Gil Vicente;  
 Sobre tudo é faceto, e só por isso  
 Hade sempre ser lido com agrado.  
 Vamos vel-o; elle almoça. Dê-me o braço.  
 Vamos causar-lhe agora uma surpresa. (*Saiem  
 ambos*).

## SCENA VII.

FREI GIL, E O CREADO.

O CREADO.

Eu vos participar ao Senhor Conde,  
 Que o Reverendo Padre aqui o espera.

FREI GIL.

Pois sim; podes dizer que Frei Euzebio  
 Não estando no convento, eu vim por elle  
 As ordens receber do Senhor Conde. (*Sai o creado*).

## SCENA VIII.

FREI GIL só, *aproximando-se da meza.*

Que negocio será com tanta pressa?

Estimo bem ter vindo. Quantos livros! (*Olhando para os livros, que estão sobre a meza. Pega n'um que está separado, e dentro do qual estard a carta, que Antonio José escreveo ao Conde, participando que se achava em perigo*).

Este é o qu'elle lê, que está de parte.

Que Auctor será? Vejamos. (*Abrindo a 1.ª pagina*).

Não conheço.

Boi-le-au Des-pre-aux. — Que nome esturdio!

Creio qu'isto é Francez, si não é Grego.

Aqui está no que perde elle o seu tempo!

E já bastante lêo! cá está marcado. (*Abrindo o livro pelo meio, onde estard a carta de Antonio José*).

Isto é nota talvez. (*Pegando na carta*).

E' uma carta. (*Lê, e olha para traz, assegurando-se que não ha ninguem*).

Oh! que cousa feliz! Como apanhei-o!

E' de Antonio José. Eil-o assignado!

Estará elle aqui?.. Si está! E' elle

Qu'hontem vestido estava de creado.

Vai de noite p'ra lá!... Heide esperal-o.

Que livro!... Vou já pôl-o sobre a meza, (*Procurando pôr o livro no mesmo logar*).

No seu logar... Aqui; creio qu'é isto.

Stava mais d'este lado, assim virado.

O Conde o que estará fazendo agora? (*Chega-se d porta escutando*).

Muito bem... muito bem... ali vem gente! (*Vem sentar-se pé per pé, tira da Algibeira o breviario, e põe-se a ler*).

Não pecco contra a fórma.

SCENA IX.

FREI GIL E O CONDE.

(*Frei Gil levanta-se d vista do Conde, e faz uma grande reverencia*).

O CONDE.

O Padre Mestre

Queira me desculpar. Eu sinto muito  
Tel-o feito cá vir inutilmente.  
Desejava fallar com Frei Euzebio,  
Sobre um particular.

FREI GIL.

Vossa Excellencia

E' qu'hade perdoar minha ousadia  
De o vir incommodar; mas foi por zelo.

O CONDE.

Sou grato ao Padre Mestre.

FREI GIL.

Eu me retiro. (*Vai-se, fazendo uma cortesia*).

## SCENA X.

O CONDE, MARIANNA, E ANTONIO JOSE', *entram depois que sai o Frade; Antonio José chega d janella.*

O CONDE.

Como é zeloso ! ou antes curioso !

MARIANNA, *despedindo-se.*

Deos guarde ao Senhor Conde, eu parto.

O CONDE.

Viva.

*(Marianna dá dous passos para se despedir de Antonio José, que volta repentinamente da janella).*

ANTONIO JOSÉ.

E' elle, é elle ! eu reconheço o monstro.

O CONDE E MARIANNA *assustados.*

Quem? *(E correm ambos para a janella).*

ANTONIO JOSÉ.

Frei Gil.

MARIANNA.

Sim, é elle !

O CONDE.

Felismente

Que se retira, sem que fosseis vistos.



## ACTO QUARTO.

### SCENA I.

Vista de Salla em casa de Marianna. Lucia assentada, fiando, perto da meza sobre a qual estará um candieiro acceso.

LUCIA.

E não me heide queixar com esta lida!  
Toda noite esperar; forte martyrio!  
A Senhora vai lá p'ra seu theatro,  
Lucia que fique á espera, e guarde a casa!  
A final já o somno vem chegando.  
Ora pois já são horas, já é tarde;  
Já podia minha Ama estar de volta.  
Mas que grande segredo será este?  
Não me querem dizer! esta cautela  
Faz-me crer qu'isto é caso extraordinario.  
A Senhora anda tão sobresaltada,  
Não dorme, falla só, e se lamenta,  
Nem conversa commigo como d'antes.  
Eu desconfio muito. Isto é desgraça,  
É desgraça bem grande! — Oh certamente,  
Não é só o theatro que a molesta!  
Que veio hontem fazer aqui tão tarde  
Senhor Antonio? e fora do costume

Tão gritador, tão serio, e ao mesmo tempo  
 Com ar tão abatido? E aquella carta  
 Ao Conde de Ericeira? E aquella farda  
 De creado? E a cautela! Aqui ha cousa ;  
 Queira Deos, queira Deos a pobre Lucia  
 Não se veja tambem compromettida! (*Batem na  
 porta*).

Quem é la? E' minha Ama certamente (*Levanta-se  
 e vai abrir a porta*).

**SCENA II.**

LUCIA, MARIANNA, E FR. GIL. *Marianna  
 assustada fica em pé com a mão na chave.*

MARIANNA.

Quereis, Senhor, deixar-me?

FREI GIL.

Um só momento

Por quem sois escutai-me.

MARIANNA.

Eu ja vos disse,

Que não vos posso ouvir.

FREI GIL.

Porque motivo?

Que mal vos fiz? que sem razão é essa?



MARIANNA.

Retirai-vos, Senhor, não vos conheço.

FREI GIL.

Ouvi-me, e vós sereis menos severa.

MARIANNA.

Quero emfim repousar ; estou cansada ;  
Trabalhei toda a noite sobre a scena ;  
E não m' é dado achar abrigo em casa !

FREI GIL.

E eu então ? toda noite ao ar exposto  
Por vossa causa, fora do convento,  
A' espera, passeando em vossa porta ;  
E vós me repellis tão cruamente ?

MARIANNA.

Eu não vos chamei cá.

FREI GIL.

Si eu me retiro,  
Vós me ireis procurar, stou certo d'isso.

MARIANNA.

Pois, quando eu procurar-vos, fallaremos.

FREI GIL.

Então talvez que seja inutilmente,  
Que seja tarde, e o mal não tenha cura.

Uma vez dado o passo, o mundo inteiro  
 Não poderá valer-vos, nem eu mesmo  
 Me abrandarei co' o vosso inutil pranto.

MARIANNA.

Que ides fazer, Senhor? (*Com vehemencia*).

FREI GIL.

Oh! nada... nada... (*Com ironia*).

MARIANNA.

Mas vós me ameaçais! Que mal hei feito?  
 Não basta já meu credito em perigo?  
 Quem vos ~~ten~~visto entrar aqui tão tarde  
 Que hade de mim suppor?

FREI GIL.

Pois é mudar-vos.

Hontem eu off'reci-vos uma casa,  
 E hoje relettero a minha offerta.  
 Si aqui quereis ficar, ficai, sois livre,  
 Tambem não vos obrigo; mas lembrai-vos,  
 Que a vossa decisão é a sentença,  
 Que se hade executar em damno vosso:  
 E talvez de alguém mais...

LUCIA *assustada*.

Que! isso é muito!  
 De alguém mais? Pois tambem eu entro n'isso?

FREI GIL.

Quem te chamou aqui? vai-te p'ra dentro.  
Mandai qu'esta criada se retire. (*Para Marianna*).

MARIANNA.

Não ha necessidade; é minha amiga.  
Lucia, deixa-te estar.

LUCIA.

Daqui não saio. (*Pondo-se junto de Marianna*).  
A menos que minha Ama não me ordene.

FREI GIL.

Tenho que vos fallar muito em segredo.

MARIANNA *pegando na mão de Lucia*.

Eu não tenho segredo p'ra com ella.

LUCIA *beijando a mão de Marianna*.

Que coração de Frade! O que quer elle?

FREI GIL *para Lucia*.

Que te importa o qu'eu quero? vai-te embora,  
Si não sais ja d'aqui, eu te prometto  
Que accusada serás do mesmo crime.

LUCIA.

Que diz elle, Senhora? eu criminosa?

MARIANNA.

Meu Deos!.. Meu Deos!..

FREI GIL.

Então! queres ouvir-me? (*Para Lucia*).

MARIANNA.

Mas, Senhor, vós não vedes a distancia  
 D'uma mulher á um Religioso?  
 Que sinistra tenção nutris n'essa alma?

FREI GIL.

Não ha mulher, nem ha Religioso,  
 Nem sinistra tenção; eu ja vos disse,  
 Que vos quero fallar sem testemunha;  
 Não quero expor-me a dittos de criadas;  
 E' segredo, repito; — e o tempo passa.

MARIANNA.

Valei-me, oh ceos... Vai, Lucia, vai p'ra dentro.  
 (Si me ouvires gritar, vem soccorrer-me).

(*Lucia se retira, benzendo-se, e olhando para traz;  
 Fr. Gil dá alguns passos, seguindo-a sempre com os  
 olhos até que ella entra; Marianna sobresaltada, fica  
 immovel*).

SCENA III.

FREI GIL *um pouco distante*.Escutai-me. (*Indicando o meio da scena*).

MARIANNA.

Eu vos ouço. (*Ficando no mesmo logar*).

FREI GIL.

Ao menos hoje  
Creio que estamos sós!.. (*Com ar de exprobação*).

MARIANNA.

Como estou sempre.

FREI GIL.

Não tanto assim, não tanto... hontem de noite  
Tinheis um Cavalleiro ás vossas ordens!..  
Eu louvo a vossa escolha, elle a merece;  
Um p'ra o outro vos fez a Natureza. (*Ironia*).

MARIANNA.

Senhor, que suspeitais?

FREI GIL.

Cousa nenhuma!.. (*Ironia*).

Que posso eu suspeitar d'uma Senhora,  
Tão cheia de virtudes, tão severa,  
Que treme á minha vista, e nem se atreve  
A levantar a fronte, e a olhar-me em face?  
Mas que sabe salvar as apparencias,  
Manceboꝝ recebendo em sua casa  
Com vestes de criado desfarçados!

MARIANNA.

Vós me calumniais.

FREI GIL.

Oh, que calúnia! (*Ironia*).  
Foi sonho o que aqui vi; oh, sim, foi sonho.

MARIANNA.

E o conheceis? sabeis que homem é esse,  
Que assim me ousais fazer corar as faces?

FREI GIL.

Oh não coreis! não é p'ra tanto o caso!  
Não o conheço, não; mas attendendo  
A' vossa alta virtude, e honestidade,  
Deve ser vosso Irmão, ou vosso primo. (*Ironia*).  
Não é assim, Senhora? — Eu adivinho!

MARIANNA.

E' tudo quanto tendes p'ra dizer-me?

FREI GIL.

Inda me resta intacto o meu segredo

MARIANNA.

Pois acabou.

FREI GIL.

Não tenho muita pressa.

MARIANNA.

Tenho eu; que não devo dar-vos conta  
Do que faço.

FREI GIL.

Eu vou ja expor-vos tudo.  
Mas dissei-me primeiro, s' é possivel,  
Como se chama aquelle moço de hontem,  
Que me ousou insultar em vossa casa,  
O braço levantar, e até ferir-me?  
Sabeis qual é seu crime? Um sacrilegio!  
Não tem perdão seu crime... Contra um Membro  
Do Sancto Tribunal erguer o braço!!  
Isto com testemunhas; vós bem vistes;  
Sois complice tambem do mesmo crime.

MARIANNA.

E vós, Senhor, aqui porque viestes?  
Que tinheis que fazer em minha casa?  
Quem aqui vos conhece? quem chamou-vos?

FREI GIL.

Não é essa a questão... Dissei seu nome?

MARIANNA.

Não sei.

FREI GIL.

Que! não sabeis! ora essa é boa!  
Pois reccebeis em casa tanta gente,  
Que os nomes não sabeis? nem um ao menos?  
E então me perguntais por que motivo  
Eu ousei aqui vir? Como se fosse

Necessario que vós me conhecesseis,  
Para qu'eu me atrevesse a visitar-vos.

MARIANNA.

Vós me insultais, Senhor! A minha vida  
Sem nódoa, não merece taes insultos.  
Ninguem ha que se atreva a infamar-me,  
Só vós, só vós, Senlior, sois o primeiro. (*Com indignação*).

FREI GIL.

Ah! sou eu o primeiro! eu não sabia. (*Riso*).  
Pois prasa a Deos qu'eu seja o derradeiro!  
Mas deixemo-nos disso. Dai-me o nome  
Que vos pedi.

MARIANNA.

Não sei. (*Com pertinacia*).

FREI GIL.

Teimais inutil;

Dai-me o nome.

MARIANNA.

Não sei; eu ja vos disse,  
E repito outra vez; não sei seu nome. (*Vehemente*).

FREI GIL.

Ah quereis me occultar! o Sancto Officio  
Hade vos obrigar a confessal-o;  
Então vós fallareis d'ontra maneira.



Com menos altivez, com mais brandura.  
 Eu vos quero la ver com esse orgulho  
 Responder : *eu não sei, e tenho dito.*  
 Guardemo-nos p'ra lá...

MARIANNA.

O Sancto Officio

Poderá contra mim armar seu braço,  
 Poderá empregar o ferro e o fogo,  
 A tortura, e os mais barbaros martyrios;  
 Mas não me hade forçar a ser trahidora,  
 Mais facil,lhe será tirar-me a vida,  
 Que arrancar um segredo da minha alma.

FREI GIL.

Oh! Oh! Tanto valor me causa riso!

MARIANNA *com desprezo, e indignação.*

E eu creio, sim; co'uma alma como a vossa!

FREI GIL *fortemente.*

Que dizes? Oh quereis luctar commigo!  
 Ah não fôreis mulher!.. que n'este instante...

MARIANNA.

N'este instante estarieis de joelhos,  
 Pedindo-me perdão, se eu fosse um homem.  
 Cobarde!

FREI GIL.

Tanto orgulho ja me irrita!

Eu quero, mulher louca, eu quero ver-vos  
No Sancto Tribunal com esse orgulho.

MARIANNA.

Vós não me conheceis; eu vos desculpo;  
Sou louca, sou mulher, fraca, sem armas;  
Mas quando uma mulher teima e resiste,  
Quando a virtude lhe vigora o peito,  
Forças lhe dá o céo, nada lia que a vença.  
Pela ultima vez, Senhor, vos digo,  
Podeis me ir accusar ao Sancto Officio;  
Ide ja, ide ja: — eu aqui fico;  
Ou si quereis levar-me, eia partamos.  
Ao grande Inquizidor direi sem medo  
O que vos disse ja: *não sei seu nome*.  
Poderão me arrancar a propria lingua,  
Cortar-me os labios, retalhar-me o peito;  
Mas não desmentirei minha constancia.  
Deos me verá gemer; em Deos confio  
Que n'essa occasião me dará forças  
Para soffrer a prova do martyrio,  
Sem arrastar á morte um innocentê,  
P'ra comprar com seu sangue a minha vida.

FREI GIL.

Um innocente! — E vós cuidais salvá-o?  
Cuidais qu'eu nada sei! que estou dormindo?  
Que não sei quem é elle? que preciso

Que vós o accuseis? — O qu eu queria  
 Era vos humilhar, era vingar-me.  
 Assaz vingado estou, mulher soberba!  
 Era Antonio José quem aqui'stava.

MARIANNA *cheia de espanto e perturbada.*

Elle ?...

FREI GIL.

Antonio José, sim, elle mesmo !  
 Ah! cuidavas então qu'eu não sabia ?  
 Sim, é esse Judeo refugiado  
 No palacio do Conde de Ericeira,  
 Que cuida que ninguem mais o conhece,  
 Porque anda co'a libré d'este fidalgo.  
 Não, não hade escapar, eu vos prometto;  
 O Judeo hoje mesmo hade ser preso.

*(Marianna ouve este discurso na maior agitação, tremula e como sem sentidos cai de joelhos aos pés do Frade, soluçando; depois de dizer o 1.º verso, segura com as duas mãos no braço de Frei Gil, este a afasta de si, marchando para o outro lado da scena; Marianna sem o largar é levada de rastos).*

MARIANNA.

Basta, basta, Senhor, estais vingado.  
 Por Deos, por Deos; deixai o desgraçado;  
 Sim, vingai-vos de mim; tudo mereço,  
 Mas que mal vos fez elle?

FREI GIL.

Elle é a causa  
Da maneira por que me haveis tratado.

MARIANNA.

Não, Senhor, não é elle; o céo me escuta.  
Perdoai, perdoai minha ousadia.

FREI GIL.

Ja me pedis perdão?

MARIANNA.

Tudo por elle.

Nada quero por mim senão a morte,  
Si vós m'a quereis dar.

FREI GIL.

Por elle nada,  
Por vós tudo faria si quizesseis;  
Porem vós não quereis; sois orgulhosa.

MARIANNA.

Orgulhosa, Senhor? e stou prostrada  
Pedindo á vossos pés! Si fui soberba  
Não me vedes bastante arrependida?

FREI GIL *transportado de alegria!*

Marianna arrependida!—Oh levantai-vos. (*Frei Gil ajuda Marianna a levantar-se, e tanto que ella se levanta, elle com uma mão segurando n'uma das*

*de Marianna, com a outra passa sobre o braço como alisando a pelle).*

Levantai-vos, Marianna, vinde, vinde;

Estais arrependida!—Oh que alegria

Me banha o coração! Minha alma vôa.

Nem posso sustentar-me. Oh si soubesseis

Que prazer me causais n'este momento!

Eu tudo vos perdôo; e me arrependo

De vos haver tratado com dureza.

Perdoia-me tambem; vós perdoais-me? *(como ajoelhandose, mas não de todo.)*

Não é assim? dissei. De vossos labios

Quero ouvir meu perdão; essa voz doce,

Que me faz palpitar de amor o peito.

Vinde, cara Marianna, eu vos adoro.

Abraçai-me. *(Quer abraçal-a, Marianna o empurra marchando para o outro lado cheia de horror, tendo ouvido todo o discurso do Frade immovel e estupefacta).*

MARIANNA.

Que horror! monstro, deixai-me.

FREI GIL indo para ella.

Marianna, que fazeis! por piedade.

*(Marianna corre de novo furiosa para o lado do Oratorio, sóbe sobre o banquinho, que está ao pé da commoda (e que serve para os joelhos) pouosa*

84

O POETA

*uma mão sobre o Oratorio, tendo o outro braço estendido; Frei Gil a segura pelo braço, puxando-a).*

MARIANNA.

Meu Deos, Meu Deos, livrai-me deste monstro.

FREI GIL.

Quereis zombar commigo, mulher perfida!

MARIANNA *caindo de joelhos.*

Ai!!!

SCENA IV.

OS MESMOS E LUCIA.

LUCIA *olhando para o Frade que está tremendo de colera.*

Em nome de Deos eu te esconjuro,  
Si és o demonio com figura humana.

FREI GIL *chega-se para Marianna, que está nos braços de Lucia, olha, e sai n'um transporte de desesperação.*

Oh que fado é o meu! tudo me odeia.

SCENA V.

*Toda esta scena deve se passar com muita lentidão.*

MARIANNA, E LUCIA.

LUCIA.

Meu Deos, qu'heide fazer? si ella aqui morre!  
Oh Senhora Marianna!... Ella não falla!..

Como está fria!.. As mãos estão geladas!..  
 Que suor... Como está tão desmaiada!..  
 Palpita o coração! Ah não stá morta..  
 E eu sosinha... Como heide soccorrel-a?  
 P'ra deixal-a, e ir buscar algum remedio..  
 Não... já sei, eu vou pol-a sobre a cama.

*(Levanta-se com Marianna suspensa nos braços, e a vai levando devagar, indo ella de costas, de modo que Marianna, que vai com os pés arrastando, fique de frente; tendo dado alguns passos, Marianna firma os pés, levantando um braço, como acordando do desmaio; com este movimento Lucia cessa de andar, tendo-a sempre nos braços, até que Marianna lentamente torne d si, e leva ambas as mãos aos olhos, como para não ver a luz que lhe faz mal).*

MARIANNA.

Que clarão repentino!... Oh que fraqueza...  
 Volteia-me a cabeça... a casa... Lucia...

LUCIA.

Senhora, eu aqui'stou. *(Dá com ella alguns passos para diante).*

MARIANNA.

Dai-me a cadeira...  
 Que afflicção. *(Sentando-se; Lucia fica de um lado e repousa um braço sobre as costas da cadeira, de modo que Marianna tenha a cabeça sobre o braço della).*

LUCIA.

O que tem, minha Senhora?

*MARIANNA pondo uma mão na testa.*

Ai de mim! a cabeça se espedaça.

E os cabellos me espinham... Ai! qu' é isto? (*Dizendo ai, sente um forte tremor, como um arrepiamento geral, levantando os braços convulsivamente*).Eu toda me arrepio! Oh! (*Levantando-se repentinamente*).

LUCIA.

Senhora!

O que é? o que tendes?

*(Marianna horrorizada olha fixamente, como vendo alguma cousa, e aponta com o dedo, com o braço estendido, e soluçando como quem quer fallar e não pode, depois de ficar per algum tempo nesta posição, grita com voz rouca e tremula).*

MARIANNA.

Sombra horrivel!

Fugi; deixai-me em paz... deixai-me, oh sombra!  
*(Empurrando com as mãos, e recuando, como si  
alguem a quizesse segurar).*Não mais; não mais; deixai-me. Oh Deos! salvai-me.  
*(Corre, e ajoelha-se diante do Oratorio).*LUCIA *levantando as mãos para o ceo.*

Noite de horror!.. Oh Deos! que tenho visto!



MARIANNA.

Eis-me aqui miseranda; eis-me prostrada  
 A vossos pés, Senhor! Compadecei-vos  
 D'uma fraca mulher. Ai! já me faltam  
 Forças p'ra resistir á um mal tão grande.  
 E' certa a minha morte... Mas ao menos  
 Quero morrer, Senhor, na vossa graça.

SCENA VI.

MARIANNA, LUCIA, E ANTONIO JOSE'.

LUCIA *com transporte.*

Vinde, vinde...

MARIANNA.

Quem é?

ANTONIO JOSÉ.

Sou eu, Marianna.

MARIANNA *correndo para elle.*

Vós!.. Antonio José! o que fizestes?  
 Senhor, o que fizestes?—que tormento!  
 Vindes buscar a morte n'esta casa?

ANTONIO JOSÉ.

Como assim? que trahidor aqui me aguarda?  
 Quem é?•dize, onde está? falla, Marianna.

MARIANNA.

Ah, Senhor, nem valor tenho p'ra isso,  
 Tão perto vejo o meu e o vosso damno.

ANTONIO JOSÉ.

O que ha de novo então?

MARIANNA.

Tudo *se* sabe.

Frei Gil...

ANTONIO JOSÉ.

Que! Inda ha pouco eu encontrei-o,  
Mas não me conheceo.

MARIANNA.

Da qui saía. (*Antonio**José assusta-se e fica suspenso*).

Acreditai, Senhor, tudo elle sabe;  
Como andais, e onde estais; talvez vos visse,  
E fingisse que não vos conhecia,  
Para melhor executar seu plano.  
Elle aqui esteve; aqui esse malvado  
Ousou... nem dizer posso.

ANTONIO JOSÉ.

Eu já percebo

Qual é sua intenção. Emfim, Marianna,  
Convem tudo dizer-te. Brevemente  
Sai do Porto um Navio para a Hollanda;  
Nelle tomo passagem; la seguro  
Posso acabar os restos de meus dias.  
Tenho cartas para Haya, o mesmo Conde

Foi quem tudo dispoz. Eu fui á caza,  
 Aproveitando a noite, e vim dizer-te  
 O derradeiro adeos... Porem, Marianna,  
 Eu não posso deixar-te, só, exposta  
 A' vingança cruel do Sancto Officio.  
 Tenho pensado bem: eu só não parto,  
 Vem commigo.

MARIANNA.

Senhor, como é possível?  
 Que vou eu la fazer em terra estranha?

ANTONIO JOSÉ.

Ou ambos escapar, ou morrer ambos.  
 Outro meio não ha !

LUCIA.

E eu, Senhora?  
 O qu'hade ser de mim? Ninguem se lembra  
 Da malfadada Lucia. (*Chorando*).

MARIANNA *apertando a mão de Lucia.*

Estamos junctas.

ANTONIO JOSÉ.

Então nada respondes? Não decides?

MARIANNA.

Salvai-vos, vós, Senhor; deixai qu'eu morra.

ANTONIO JOSÉ.

Não, não parto sem ti. Minha Marianna.

Vamos junctos viver. Em qualquer parte  
 Onde a sorte levar-nos, eu prometto  
 De nunca te deixar; e si a amizade  
 Ate hoje ligou-nos; si a desgraça  
 Nos aperta este laço; inseparaveis  
 Devemos sempre ser; sim, viviremos,  
 Um para o outro; sim, tu serás minha,  
 Tu serás minha esposa, o céo me escuta.  
 Eis aqui minha mão. (*Segura na mão de Marianna*).

MARIANNA.

Eu vossa esposa!

Oh Senhor!..

ANTONIO JOSÉ.

Tomo Deos por testemunha.

Juro morrer por ti, ser teu consorte.

Sim, abraça-me, vem, cara Marianna. (*Abraçam-se  
 com transporte, Lucia chora de ternura*).

Só pode agora a morte separar-nos.

*Estando ainda abraçados, ouve-se um grande tropel.*

MARIANNA.

Que rumor!..

ANTONIO JOSÉ.

Que será?

LUCIA correndo para Marianna.

Fugi.

SCENA VII.

OS MESMOS.

*Entram repentinamente os Familliares do Sancto Officio, Soldados, e Frei Gil gritando*

TODOS

Da parte

Do Sancto Tribunal.

*(Em quanto dizem isto, se apoderam de Antonio José, que corre para Marianna, como para abraçal-a; mas elles o impedem; entretanto Frei Gil se apresenta diante de Marianna, que convulsa e horrorisada mal o vê, e ouvindo aquellas palavras, grita):*

MARIANNA.

Ai!.. *(E cai por terra. Lucia se ajoelha ao pé do cadaver, cobrindo co' as mãos os olhos, debruça-se sobre elle. Antonio José, seguro pelos braços, dobra os joelhos, lançando o corpo, e a cabeça para diante, com os olhos, como para certificar-se do estado de Marianna, diz com voz lacrimosa):*

ANTONIO JOSÉ.

Está morta!..

*(Firmando-se repentinamente, fazendo um forte movimento com todo o corpo, grita):*

Que eu não possa vingar a sua morte!

*(Aqui os Familiars o puxam, e o levam de rastos. Frei Gil desde que Marianna cai, fica como entorpecido, com os olhos fixos no céo, e arrependido; assim termina o acto.)*

## ACTO QUINTO.

---

Vista de carcere do Sancto Officio; uma escada no fundo. Antonio José deitado no chão sobre palhas, preso per uma corrente á pilastra que no meio da scena sustenta a abobada do carcere; um candieiro acceso, e um pote de agua.

### SCENA I.

ANTONIO JOSÉ *fazendo um esforço para levantar a cabeça, olha para todos os lados, e firmando o cotovelo no cepo, que lhe serve de traveseiro, pousa a cabeça na mão, e com voz debil começa a fallar.*

E' dia, ou noite?... O sol talvez ja brilhe  
Fóra d'esta masmorra... A natureza  
Talvez cheia de vida e de alegria  
O hymno da manhã entôe agora!  
Mas p'ra mim acabou-se o mundo, e o dia...  
Sim, p'ra o mundo morri... Minha existencia  
Já não conto por dias; sim por dores!  
N'esta perpetua noite sepultado,  
E' meu unico sol esta candeia  
Ballida e triste como a luz dos mortos  
Diante de meus olhos sempre occesa  
Para tingir de horror este sepulchro.  
Seu vapor pestilente respirando,

Vejo correr meus ultimos instantes  
Como este fumo negro, qu'ella exhala,  
E em confuzos novellos se evapora.  
P'ra mim enroqueceo-se a voz humana!  
Só perturba o silencio d'este carcere  
O ferrolho, que corre, e a dura porta,  
Que em horas dadas, se abre, p'ra feixar-se :  
Por musica continúa esta corrente,  
Que retine, e chocalha em meus ouvidos,  
E de negros vergões me crava o corpo...  
Si eu pudesse dormir—um somno ao menos  
Livre destas cadeias!—porem como,  
Tendo por cabeceira um duro cepo,  
Este chão frio e humido por leito,  
E palhas por lençol!—E porque causa?  
Por uma opinão, por uma ideia  
Que meo Pai recebeo de seus maiores  
E transmittio ao filho!—E sou culpado!..  
E' possivel que os homens tão máos sejam,  
Que como um fero tigre assim me tratem  
Por uma ideia occulta de minha alma?  
Porque em vez de seguir a lei de Christo,  
Sigo a lei de Moysés!.. Mas quando, quando  
Esse Deos homem, morto no calvario,  
Pregou no mundo leis de fogo e sangue?  
Quando, na cruz suspenso, deo aos homens  
O poder de vingar a sua morte?



Que direitos têm elles, que justiça,  
 Mesmo por sua lei, de perseguir-nos?...  
 Oh que infamia! Assim é qu'elles entendem  
 Do seu legislador os mandamentos!..  
 Leis d'amor, convertidas em leis de odio!  
 E são elles christãos!... E assim manchando  
 O Nome de seu Deos, ousam mostrar-se  
 A' face do Universo, revestidos  
 Com sagradas insignias, profanando  
 Os Templos, que deviam esmagal-os!  
 E se enculcam de Deos Sanctos Ministros!  
 Oh céos, que horror! que atroz hypocrisia!

*(Depois de um momento de pausa, esforçando-se  
 para mudar de posição, tinem as cadeias; fica  
 apoiado sobre o braço, com a mão no chão, e com a  
 outra levantada e segurando na cadeia, que o prende  
 á pilastra, diz):*

Ai... ja não posso... Dóe-me o corpo todo.  
 Como tenho este braço. *(Tomando uma larga res-  
 piração.*

O ar me falta...

Creio que morrerei nesta masmorra  
 De fraqueza e tormento... O meu cadaver  
 Será queimado, e em cinzas reduzido!  
 Oh que irrisão!.. Quão vís são esses homens!  
 Como abutres os mortos despedaçam  
 P'ra saciar seu odio, quando a vida

De suas tristes victimas se escapa! (*Com indignação*).  
Não, eu não fugirei á vossa raiva,  
Não mancharei meus dias derradeiros  
Arrancando-me a vida; não, malvados,  
Assaz tenho valor para insultar-vos  
De cima da fogueira. A minha morte  
Quero que sobre vós toda recáia. (*Um momento de  
pausa; abaixa a cabeça como absorvido em algum  
pensamento e sacudindo-a, diz, com voz baixa, e  
compassada*):

Morrer... morrer... Quem sabe o que é a morte?..  
Porto de salvamento... ou de naufragio!..  
E a vida?.. um sonho n'um baixel sem leme...  
Sonhos entremeados d'outros sonhos,  
Prazer, que em dor começa, e em dor acaba.  
O que foi minha vida, e o que é agora?  
Uma masmorra alumiada apenas,  
Onde tudo se vê confuzamente,  
Onde a escassez da luz o horror augmenta,  
E interrompe o recondito mysterio.  
Eis o qu'è vida!.. Mal que a luz se extingue,  
O horror e a confuzão desaparecem,  
O Palacio e a masmorra se confundem,  
Completa-se o mysterio... Eis o qu'è morte.  
E minha alma?.. essa em mim existe agora  
Como eu nesta masmorra esclarecida,  
Vai-se a vida, e minha alma será livre,

De Deos receberá novos destinos,  
Ou irá repousar na eternidade.

*(Ouve-se o ruído do ferrolho que corre na porta que fica no alto da escada. Antonio José experimenta uma commoção repentina devida naturalmente ao rumor inesperado):*

Oh meu Deos!. . quem será? estou tão fraco  
Que o menor movimento me apavora! *(Faz deligencia para ver quem vem; entretanto Frei Gil com um capuz que lhe cobre a cabeça e a cara, e cai em ponta sobre o peito, e apenas com dois buracos diante dos olhos, apparece no alto da escada, com um archote na mão, e lentamente desce; chegando á scena crava o archote no chão, e ajoelha-se humildemente, levantando as mãos para o céu. Antonio José o contempla com pasmo),*

**SCENA II.**

**ANTONIO JOSE', E FREI GIL.**

**FREI GIL.**

Senhor, o vosso servo humilde implora  
A vossa protecção. Eis o momento  
Que de mais caridade necessito,  
E valor p'ra domar o meu orgulho,  
E completar a minha penitencia ;  
Que seja esta masmorra o meu refugio

Onde humanas paixões entrar não ousem,  
 Onde eu, só pela dor Christã guiado,  
 Dos meus crimes passados me recorde;  
 Soffra todo o tormento dos remorsos,  
 E no excesso da dor me purifique.  
 Senhor, Senhor, ouvi ardentes preces  
 Qu'hoje minh' alma exhala arrependida. (*Levan-*  
*ta-se*).

ANTONIO JOSÉ *com voz baixa.*

O lugar é propicio á penitencia,  
 De certo que melhor não acharieis.

FREI GIL.

Propicio é o lugar, sim; mas as vezes  
 O coração humano é tão rebelde,  
 Tão pesado de vicios, que resiste  
 A' voz terrivel da verdade eterna,  
 Que tão alto resôa na masmorra,  
 No retiro do claustro, e em erma gruta.

ANTONIO JOSÉ.

A paixão mais insana, e mais fogosa  
 Quebra-se ante o rochedo da vontade;  
 Basta um desejo ardente e esclarecido  
 Para domar o peito: e uma Fé pura  
 P'ra que Deos nos perdôe.

FREI GIL.

Assim o creio ;

E ouvindo-vos fallar desta maneira  
Exulto de prazer; sim, Deos perdoa,  
Mas os homens acaso nos perdoam  
As offensas, e os males que fazemos?

ANTONIO JOSÉ.

E que importa que os homens não perdoem?  
Diante do Senhor os homens todos  
São réos, e como réos serão julgados;  
E nenhum poderá julgar ao outro.  
Si aquelle que só lê no livro occulto  
Da nossa consciencia nos absolve,  
Quem terá o poder de criminar nos?

FREI GIL.

Porque não sois christão? se a luz de Christo  
Tivesse esclarecido a vossa crença,  
Mais humanos discursos verterieis.  
Os juizos de Deos são infalliveis;  
Mas Deos julga no céo, na terra os homens;  
E o Christo do Senhor, na cruz morrendo,  
Perdoou; p'ra que os homens perdoassem.  
Nós pedimos á Deos que nos perdoe,  
Como nós perdoamos; si elle outorga  
As graças que diurnas lhe pedimos,

E' p'ra que os homens, seus amados filhos,  
 Vivam na terra em paz, em harmonia,  
 E as fraquezas do proximo desculpem,

ANTONIO JOSÉ.

Divina unção respira esse discurso ;  
 Mas, Padre, vosso manto me revela,  
 Que vossa ordem profana a lei Christo.  
 Vosso claustro de sangue está manchiado,  
 Mora n'elle a traição, o odio, a vingança ;  
 D'elle fugio a fé, e a piedade.  
 Ide pregar no vosso mesmo claustro  
 As virtudes Christãs. Si sois culpado,  
 Si arrependido estais dos vossos erros,  
 Será esta uma boa penitencia.

FREI GIL.

Vós o ouvis, oh meu Deos! tudo mereço,

ANTONIO JOSÉ.

Si desejais ser-me util n'este instante,  
 Dai-me a mão, ajudai a levantar-me.

*(Frei Gil lhe dá a mão, e Antonio José levanta-se  
 ficando apoiado por algum tempo sobre o hombro do  
 Religioso).*

Ai., Eu vos agradeço... ja me custa  
 O pezo supportar d'esta cadeia.  
 Muito tenho soffrido!

FREI GIL.

Brevemente

Recobrareis a vossa liberdade.

ANTONIO JOSÉ *interrompendo-o vivamente.*

Que dizeis; liberdade! Não, não creio,  
 Nem sonhando a esperança me consola.  
 Fagueira liberdade; ah si eu pudesse  
 Lançar-me inda em teus braços, ver de novo  
 O Mundo qu'en perdi, e como a Phenix  
 Renascida das suas proprias cinzas  
 Cantar minha victoria, e ver em sonhos  
 A masmorra, como hoje vejo o mundo!..  
 Mas que digo? Que tenho eu que ver n'elle?  
 Oh, Marianna!.. onde estás? tu me deixaste;  
 E uma lagrima ao menos não m'é dado  
 Derramar sobre tua sepultura...  
 Não irei perturbar as tuas cinzas  
 Co'os mens tristes gemidos... Não, Marianna,  
 Não ficarei mais tempo sobre a terra;  
 Eu te irei ver;—ah goza a paz eterna;  
 Goza, qu'eu me preparo pr'a viagem...

FREI GIL.

A morte desejas?

ANTONIO JOSÉ.

Ah venha a morte;

E' só o bem que espero.

FREI GIL.

Mas voss'alma  
 Não deseja outro bem?

ANTONIO JOSÉ.

A eternidade!

FREI GIL.

E não temeis o tribunal eterno?

ANTONIO JOSÉ.

Deos é grande! e minh'alma sai do mundo  
 Assaz martyrisada pelos homens.  
 E' em nome de Deos qu'eu soffro a morte;  
 E ainda não manchei o sacrificio,  
 Contra seu sancto nome blasfemando.  
 Co'o tit'lo de Judeo, com que me infamam,  
 Fica minha memoria nodoadá.  
 A minha geração erra proscripta  
 Sobre os pontos da terra, e quando cuida  
 Achar occulto asylo onde repose,  
 Eucontra a maldição dos outros homens.  
 O Deos á quem meus Pais sempre adoraram  
 E' o Deos qu'eu adoro, e por quem morro.  
 Elle me hade julgar.

FREI GIL.

E Jesus Christo?



ANTONIO JOSÉ.

E' sancta a sua lei;—assim os homens  
 Por quem elle morreo, a respeitassem.  
 Quem adora a um só Deos, e cumpre á risca  
 O triplice dever qu'elle nos marca  
 P'ra com elle, comsigo, e os outros homens,  
 Nada pode temer.

FREI GIL.

Não mais vos canço ;  
 Quereis morrer na lei em que nascestes,  
 Eu morrerei na minha, e Deos nos julgue  
 Com aquella infinita piedade  
 Que merecem tão fracas creaturas.  
 Mas, Antonio José, eu vos imploro,  
 P'ra salvação d'um'alma arrependida,  
 Uma só graça. (*Erguendo as mãos para o céo*).

ANTONIO JOSÉ.

A mim? que fazer posso?

FREI GIL.

Tudo para aplacar os meus remorsos,  
 E dar um linitivo á consciencia,  
 Que sem cessar me exprobra, e me condemna.

ANTONIO JOSÉ.

Quem sois vós?

FREI GIL.

Um perverso, um criminoso

Diante do Senhor, e ante meus olhos,  
 E indigno do perdão qu'ouso implorar-vos.  
 Eu perturbei a vossa paz terrestre,  
 Arranquei-vos do mundo, e sepultei-vos  
 N'esta escura masmorra... assassinei-vos!  
 Fui eu!.. que horror!.. eu mesmo. Oh, Marianna.  
*(Levantando as mãos para o céo).*

ANTONIO JOSÉ *cheio de pasmo como duvidoso do  
 que Frei Gil lhe vai dizer.*

Marianna!

FREI GIL.

Ja não vive...

ANTONIO JOSÉ *ouvindo estas palavras, deixa calir os  
 braços sem força, e levanta os olhos para o céo;  
 tremulo e soluçando, ergue depois os braços, e  
 cobre o rosto com as mãos, e com ellas limpa as la-  
 grimas, repetindo com voz chorosa.*

Já não vive!..

Minha cara Marianna!.. Eu já sabia..  
 Eu mesmo a vi cair... Em vão luctava  
 P'ra não crer em meos olhos... Dessa lucta  
 Ao menos na incerteza vislumbra  
 Uma esperança vaga... Eu me dizia,  
 Que talvez o terror me fascinasse...  
 Que um desmaio talvez... Porem meus olhos  
 Assaz me desmentiam... Sua imagem

Sem cor, sem vida, e sobre a terra immovel  
 Para me exasperar sê me antolhava...  
 O seu ultimo *ai*... seu *ai* de morte,  
 Grito horrivel da dor, que o nó rompia  
 Entre su'alma e o corpo, de continuo  
 Retumbava nos seios de minh'alma...  
 Oh! por qu'eu não morri n'essa hora horrenda,  
 Minha cara Marianna!.. Ah si a incerteza,  
 Essa incerteza vã, que eu só creava,  
 Com qu'eu só me illudia, era um abutre  
 Que o peito me roía lentamente;  
 Esta horrivel certeza d'um só golpe  
 Me espedaça, e me extingue o sentimento...  
 Eis os bens, qu'eu tão louco imaginava  
 No que em fim acabaram!.. Oh, Marianna!  
 E eu sou; oh dor!.. de tua morte a causa! (*Cobre  
 os olhos com as mãos, e assenta-se sobre o cepo*).

FREI GIL *horrorisado*.

Ah, vingai-vos, oh ceos, de mim vingai-vos!..  
 E eu fui que perpetrei tão negro crime?  
 Eu mesmo?—Oh tenho horror de minha sombra!..  
 Não mais... não mais me occulto á vossos olhos...  
 (*Dizendo isto arranca o capuz que lhe cobria o rosto,  
 e se mostra pullido com os cabellos arripiados*).  
 Eis o crime pintado em meu semblante!  
 (*Antonio Jesé tornando á si, olha para Frei Gil,*

*levanta-se repentinamente sobresaltado, e volta a cabeça fazendo ao mesmo tempo com as mãos um movimento de horror).*

Eis, emfim, quem eu sou... voltais o rosto?...  
 Tendes horror de mim? oh, sim, é justo...  
 Eu fui o vosso algoz... Senhor, vingai-vos,  
 Sim vingai-vos, Senhor... aniquilai-me  
 Com insultos... cobri-me de ignominias...  
 Mas vós nada dizeis?... Esse silencio,  
 Esse silencio horrivel mais me infama...  
 Mais me exacerba a dor... Cruéis remorsos!  
 Despedaçai est'alma criminosa!  
 Não me poupeis... ah não... assassinaí-me,  
 Como eu assassinei-a... Inferno! inferno!  
 Tu stás dentro de mim... ah, devorai-me...  
 Mas que silencio!.. tudo me abandona...  
 Tudo foge de mim... l:orrisado...  
 E estas murallas sobre mim não caiem!..  
 Ah... fujamos d'aqui... Assaz vingada,  
 Assaz vingada estais co'os meus remorsos... (*Foge furioso para o fundo da scena, quer subir a escada, porem cego e no delirio tropeça e rola até o meio da scena, e tonto trabalha para levantar-se, e fica espavorido. Antonio José no entanto quer dar uns passos para segural-o, porem é retido pela cadeia, e para não cair se segura d pilastra).*

ANTONIO JOSÉ *cheio de piedade.*

Basta, basta... si estais arrependido,  
 Si vossa dor é plena, recordai-vos  
 Do que disse o Senhor: » De seus peccados  
 » Não mais me lembrarei, tudo perdôo ;  
 » Por qu'eu do peccador não quero a morte,  
 - Mas sim que se converta, e qu'elle viva» .

FREI GIL *ajoelhando-se.*

Oh Palavras de Deos! ellas derramam  
 Na minha dor um balsamo suave...  
 Eu não mereço tanto... Mas ditoso  
 Quem escuta, Senhor, vossas palavras  
 Nos dias de afflicção, e de amargura!  
 Ah possam ellas inflammar minh'alma  
 De fé, e de esperança; o meu remorso  
 Purificar a nódoa do peccado;  
 E como um doce orvalho saciar-me  
 Deste ardor, com que o crime me devora.  
 Oh, Marianna! do ceo onde desfructas  
 A palma do martyrio, e a paz dos justos,  
 Meu perdão condoida pronuncia.

ANTONIO JOSÉ.

A fôrça n'ie abandona... Em vão tentara  
 Blasfemar, e exprobar-vos; n'este instante  
 Minh'alma se dilata, e a voz do mundo,  
 A voz da indignação, morre em meus labios...

Oh não sei que prazer nunca sentido  
 Me abala os ossos, e me inunda o peito.  
 Só vejo um penitente arrependido,  
 E ante mim o Senhor me diz: perdoa,  
 Mortal, perdoa; é teu irmão... Ah vinde. (*Para  
 Frei Gil*).

Não vos agravo a culpa... O vosso indulto  
 Recebei em meus braços.

(*Frei Gil, chorando de prazer, atira-se nos braços  
 de Antonio José. Ouvem-se algumas badaladas de  
 sino, e um rufo de tambor. Frei Gil separando-se, diz  
 com voz baixa e assustada*):

FREI GIL.

Ceos! que escuto!

ANTONIO JOSÉ.

E' talvez o signal da minha morte...

FREI GIL.

Senhor!...

ANTONIO JOSÉ *com pavor*.

Não receeis, dizei...

FREI GIL *soluçando*.

Não ouse...

ANTONIO JOSÉ.

Eu entendo... é minha hora derradeira...  
 Bem... não tenho pavor... estou tranquillo...

Vós me servis de amigo... em vós confio...  
Um só favor vos peço, prometteis-me  
De o fazer?

FREI GIL.

Ordenai-me, eu vos prometto.

ANTONIO JOSÉ *em quanto repete os versos, tira do  
bolço uma boceta d'ouro.*

Meus bens devem ser todos confiscados,  
Vós o sabeis, não posso dispor d'elles.  
Mas escapou-me ainda uma boceta,  
Qu'eu trouxe do Brasil; foi um presente  
De minha Mãe, quando eu deixei a Patria.  
Meu Pai servio-se d'ella em sua vida. (*Dizendo isto,  
beija a boceta*).

Eil-a... inutil me foi n'esta masmorra.  
Dai á Lucia, que a venda, ou que a conserve.  
A essa pobre Lucia... que nem mesmo  
Sei onde ella estará.

FREI GIL.

Na eternidade.

ANTONIO JOSÉ *surpreso.*

Lucia!.. morreo... coitada...

FREI GIL.

Poucos dias

Sobreviveo á morte de sua Ama.

ANTONIO JOSÉ.

Pobre Lucia... Pois bem, p'ra vós guardai-a.  
 Si a recuzais, vendei-a, e dai esmolas  
 Aos pobres... Far-me-eis ainda outra graça.  
 Vós iteis ver o Conde de Ericeira,  
 Dizei-lhe qu'eu fui sempre seu amigo,  
 E que antes de morrer me lembrei d'elle,  
 E grato me mostrei aos seus favores.  
 Em meu nome pedi-lhe qu'elle queime  
 Alguns toscos, inuteis manuscriptos,  
 Que em suas mãos deixei.

FREI GIL.

Oh Providencia!

P'ra nuncio de desgraças me reservas!..

ANTONIO JOSÉ.

Que dizeis?..

FREI GIL.

Oh, Senhor, poupai-me ao menos  
 Desta vez; não querais saber o resto.

ANTONIO JOSÉ.

Que!... o Conde morreo!.. Oh, por piedade  
 Dizei, dizei que não... tranquillizai-me...

FREI GIL *com voz funebre.*

Eu entoei o cantico dos mortos  
 Na sua sepultura!



ANTONIO JOSÉ.

Oh! (*E cai assentado sobre o cepo, mergulhado n'uma profunda dor; depois de um momento de concentração, diz*):

Tabem elle!..

Morreram todos... Todos... E ainda vivo!  
Eu tambem vou morrer... E n'um só dia  
Tantos golpes recebo... e tantas mortes...

(*Ouve-se o estrondo do ferro-lho que corre, a porta de cima da escada se abre, descem alguns homens com brandões acesos, outros ficam nas escadas; um delles grita de cima*):

Antonio José!..

FREI GIL.

Deos!

(*Antonio José sem dar accôrdo do que se passa, fica sem se mover no mesmo logar: um homem que traz os vestuários da pena de fogo \* se aproxima, tira-lhe a cadeia, e o veste, sem que elle offereça a menor resistencia; depois de vestido, o puxam pelo braço para que marche; então elle como se saísse de um lethargo, examinando com os olhos o que se passa em torno de si, apalpando o corpo e a cabeça, exclama com uma especie de riso de desesperação*):

Este vestuario consiste em uma *carocha*, ou mitra de papel pintado, e o *sambenito*; cujos desenhos se podem ver nas obras sobre a Inquisição.

ANTONIO JOSE'

Oh felizmente!..

Vou saudar o meu dia derradeiro  
 De cima da fogueira... A dor da morte  
 Não me fará tremer... Neste momento  
 Sinto todo o vigor da mocidade  
 Gyrar em minhas veias... Deos onvio-me,  
 E de minhas miserias condoen-se !..  
 Eu victima vou ser no altar do fogo,  
 E entre a fumaça de meu corpo em cinzas,  
 Minh'alma se erguerá como um aroma  
 Puro do sacrificio á Eternidade !  
 Recebei-a, Senhor!—Eia, partamos!  
 Adeos, masmorra ! oh mundo ! adeos, oh sonho !  
 (*Marcha intrepido, e sobe as escadas; Frei Gil  
 cobre a cabeça com as mãos, e encosta-se d pilastra.  
 Ouve-se cantico funebre, um rufo de tambores e  
 pancadas de sino; e desce o panno*).

## ERRATA ESSENCIAL.

Pag. 18, verso 6, deve ler-se do modo seguinte:---

Antonio José: *colera misturada com piedade.*

Oh, que ironia!

O Santo officio! Sancto?... O Santo officio!

Faltando no texto---Oh, que ironia! ---que completa o verso---

Que horror!... a Inquisição!

**LISTA DOS SUBSCRIPTORES DA TRAGEDIA  
O POETA E A INQUISIÇÃO.**



SNRS.	
Alexandrina Roza de Carvalho. (D.)	1
Alexandrina de Menezes Gomes Ferreira. (D.)	1
Antonio Gonsalves Teixeira e Sousa.	2
Antonio Felix Martins. (Dr.).	2
Antonio José Rodrigues Capistrano. (Dr.).	2
Antonio Velho Pereira da Veiga.	2
Antonio José Pereira Maia Parahyba.	1
Agostinho da Costa Silveira.	1
Antonio Ramos Chaves.	1
Antonio José de Bem.	1
Antonio Nicoláo de Miranda e Brito.	1
Antonio Salustianno de Castro.	1
Antonio Victorino da Rocha.	1
Antonio Henriques de Miranda Rego.	1
Antonio F. de Almeida Barboza.	1
A. L. S. F.	1
Antonio Alvares Pereira Coruja.	1
Antonio de Serpa Pinto.	1
Antonio José de Faria Lemos.	1
Antonio Mauricio Pinto.	1
Antonio José Cardoso Rocha.	1
Antonio Thomaz de Aquino. (Dr.).	1
Antonio José da Silva Rabello.	1
Antonio Pires Barboza.	1
Antonio Luiz de Marins Sarmiento.	1
Antonio José de Araujo. (Lente).	1
Antonio Alves da Silva Pinto Junior.	1
Antonio Joaquim de Sousa.	1

Antonio Pereira Lisboa.	1
Agostinho Moreira Guerra. (Dr.).	1
Antonio de Freitas Fernandes.	1
Antonio Jacobina.	1
Antonio José Fernandes Pires.	1
A. de Araujo Braga.	1
Antonio José Trench.	1
Antonio José dos Santos.	1
Antonio Ignacio da Silva.	1
Antonio Luiz de Miranda.	1
Alexandre Fortuna.	1
Argemiro Antonio do Rego.	1
Antonio da Fonceca Vianna.	1
Antonio Francisco de Paula e Souza.	1
Angelo Antonio de Almeida.	1
Antonio Rodrigues de Oliveira.	1
Antonio Rodrigues da Costa e Sousa.	1
Amaro Velho Pereira da Veiga.	1
Alexandre da Cunha Ribeiro Feijó.	1
Alexandre José de Mello.	1
Augusto Bandeira de Gouvea.	1
A. R. da Cunha.	1
<i>Anonymo.</i>	1
<i>Anonymo.</i>	1
A. P. Carvalho.	1
Antonio Dias Bello.	1
Antonio José de Sousa e Almeida.	1
Antonio José Gonsalves.	1
Antonio José d'Almeida.	1
Alexandre Joaquim de Siqueira.	1
Alexandre José do Rosario.	1
Agostinho Pereira Cardoso.	1
Albino Antonio Guimarães.	1
Antonio José de Sousa.	1
André Rodrigues de Araujo.	1
Antonio Maria Soares Lima.	1
Antonio José Machado Correia.	1

DOS SUBSCRITORES.

3

Antonio Timotheo da Costa.	1
Antonio da Cruz Torres.	1
Antonio José da Silva Arcos.	1
Bento Alves de Oliveira Pereira.	1
Bento da Silva Lisboa (Conselheiro). ✓	1
Bernardo Joaquim de Oliveira.	1
Benedicto Joaquim Ribeiro.	1
Berard.	1
Bento Fernandes das Mercês.	1
Carolino Sergio do Rosario.	1
Cyprianno José d'Almeida (Tenente Coronel).	1
Carlos Maria Duarte e Silva.	1
Gaetano Luiz Machado.	1
Gassio Antonio da Costa Ferreira.	1
Candido Borges Monteiro (Dr.).	1
Candido José de Araujo Vianna. (Dr.). ✓	1
Claudino da Silva Almeida.	1
Gaetano José Correia.	1
C. D. de V. S.	1
Carlos José de Alneida.	1
Carlos dos Santos de Oliveira Pinto.	1
Claudino José Barbosa.	1
Candido Fernandes da Costa Guimarães.	1
Conde do Rio Pardo.	1
Constantino Cardin da Silva.	1
Candido de Assis.	1
Celestino José de Queiroz.	1
Carlos Demicheles das Neves.	1
Gaetano Manoel dos Reis.	1
Candido José de Almeida.	1
Delfina Maria da Conceição Costa. (D.)	1
Domingos de Azeredo Coutinho Duque Estrada.	1
Daniel Paulo Profirio da Silva.	1
Domingos Antonio de Marins Barbosa.	1
Diogo Teixeira de Macedo.	1
Dioclianno Augusto Cesar do Amaral. (Dr.).	1
Dionizio da Cunha Ribeiro Feijó.	1

Delfino Vieira Pereira.	1
Elizeo de Azeredo Coutinho e Aguiar.	1
Eduardo Alves Moreira.	1
Estevão da Costa e Silva.	1
Emilio Joaquim da Silva Maia. (Dr.).	1
Francisca Rosa Baptista. (D.)	2
Felix Emilio Taunay. (Lente). ✓	1
Felississimo José Freire Durval.	1
Francisco de Paula Duarte de Araujo Gondim.	1
Feliciano José Neves Gonzaga.	1
Fortunato Pereira da Silva.	1
Francisco Vieira da Costa.	1
Feliciano Gomes de Freitas.	1
Francisco de Q. C. Matoso da Camara.	1
Felicio Fortes de Bustamente Sá (Major).	1
Francisco Julio Xavier. (Dr.).	1
Francisco da Costa Barros da Fonceca.	1
Francisco Pinheiro de Campos.	1
Francisco Travassos da Costa.	1
Francisco Joaquim Teixeira Cardoso.	1
Francisco Manoel de Bulhões Ribeiro.	1
Francisco Joaquim dos Santos Mattos.	1
Francisco Leão Cohn.	1
Francisco de Passos Corrêa.	1
Francisco Candido da Fonceca Brito.	1
Francisco da Silva Lopes.	1
Frederico Leopoldo Cezar Burlamaque. (Lente)	1
Francisco Antonio de Miranda.	1
Francisco Furtado da Fonceca Bernardes.	1
Francisco de Oliveira Guimarães Junior.	1
Fideles Honorio da Silva dos Santos Pereira.	1
Francisco Rodrigues d'Almeida.	1
Fernando Alves Pinheiro.	1
Francisco Cordeiro da Silva Torres.	1
F. E. Tavares.	1
Francisco Xavier Martins.	1
Felix José da Costa	1

DOS SUBSCRIPTORES.

Francisco de Paula Menezes. (Dr.).	1
Francisco de Paula Brito.	1
Francisco de Paula Martins e Silva.	1
Florindo Joaquim da Silva.	1
Fernando Caetano da Silva Caldas.	1
Francisco Manera.	1
Francisco Manoel Chaves.	1
Francisco Gomes da Motta.	1
Francisco José Pereira Guimarães.	1
Francisco de Mello Franco.	1
Francisco Lucio das Chagas.	1
Francisco José da Costa e Silva.	1
Francisco José de Sá Junior.	1
Francisco José de Carvalho.	1
Francisco de Paula Ferreira de Amorim.	1
Guilherme Bandeira de Gouvêa.	1
Gaspar José de Mattos Pimentel.	1
Guilherme Antunes Barcellos.	1
Gabriel José do Rosario.	1
Gonsallo Conrado da Rocha.	1
Gaspar Mendes Pereira.	1
Henriqueta Clarice Lisboa. (D.)	1
H. P. Rosa.	1
Henrique José Pires.	1
Henrique Augusto de Marins Sarmiento.	1
Herculano Ferreira Penna.	1
Hermenegildo Duarte Monteiro.	1
Isabel Maria do Rosario. (D.)	1
I. L. Lamitt.	1
Ignacio Francisco da Silveira da Motta.	1
Ignacio Manoel Alves de Azevedo. (Dr.) ✓	1
Ignacio da Silva Amaral.	1
Ignacio Joaquim Barbosa.	2
João Pedro da Veiga.	10
João Caetano dos Santos. ✓	4
J. D. d'Almeida.	1
J. E. Tavares.	1

João Eleuterio Garcez e Gralha.	1
José de Calazaens Outeiro,	1
João de Barcellos.	1
João Francisco Moreira Leal.	1
José Joaquim de Menezes.	1
Joaquim Justo da Silva.	1
Joaquim Ribeiro Guimarães.	1
João José Pimentel.	1
José de Araujo Rangel.	2
J. S. da Rocha.	1
J. D. da Silva Farias.	3
Joaquim Hypolito.	2
José de Sousa Barros.	1
João Ignacio Tavares.	1
J. J. P. de Faro, filho.	2
João José da Costa.	1
João Baptista da Rocha.	1
José Henrique de Araujo.	1
José Joaquim Gonsalves.	1
José Albano Fragoso, filho.	1
José Joaquim Raposo.	1
J. F. de Figueiredo Rocha. (Dr.).	1
José Henriques Soares e Silva.	1
J. F. de Guimarães.	1
José Coelho Pinheiro.	1
Justiniano Ferreira da Silva.	1
José Antonio Ferreira Guimarães.	1
João Baptista da Silva.	1
Joaquim Apolinario de Azevedo.	1
José Maria de Carvalho.	1
João Caetano da Silva. (Lente)	1
José Ignacio Silva Freitas.	1
Joaquim Vieira da Costa.	1
João Francisco dos Santos.	1
João Caetano da Cruz.	1
José Joaquim Maia.	1
José de Miranda Ribeiro.	1



DOS SUBSCRIPTORES.

	7
Joaquina Zeferina do Rosario. (D.)	1
João Soares de Lima e Motta. (P.º)	2
Januario da Cunha Barboza. (Bibliothecario) ✓	1
José Maria Peixoto.	1
José Marques Soares e Silva.	1
José Soares de Azevedo.	5
José Antonio Thomaz Ramiro.	1
João Francisco Catete.	1
José Floriano Marques.	1
José Praxedes Pereira Pacheco.	1
José Maria Mafra.	1
José de Miranda Ribeiro.	1
J. C. Costa Cabral.	1
José Antonio Martins.	1
José Alexandre Soeira de Faria.	3
João Homem do Amaral.	1
José Henrique da Silveira.	1
João Paulo dos Santos Barretto. (Brigadeiro). ✓	1
João Candido de Deos e Silva. (Dr.).	1
Joaquim Clarimundo e Silva.	1
José Virissimo dos Santos.	1
João Nepomoceno Castrioto. (Major).	1
José Francisco Furtado de Miranda.	2
Joaquim Nunes de Carvalho.	1
José Ignacio Vaz Vieira. (Dr.).	1
Julio Pereira Vianna de Lima.	1
Joaquim Francisco Leal.	2
Joaquim Francisco Vianna. (Dr.).	1
João Alves Loureiro.	1
José Pereira do Amaral.	1
João José de Macedo Coimbra.	1
João Caldas Vianna. (Dr.).	1
João José Coutinho.	1
José Augusto Gomes de Menezes. (Dr.)	1
José Augusto Cezar de Menezes.	1
José Gonsalves Victoria.	1
João Baptista de Sousa.	1

João Cocob Bender.	1
José Martins de Moraes.	1
Josino do Nascimento e Silva. (Dr.).	2
J. P. Monteiro.	1
João Gaspar da Costa.	1
Julio Cezar Muzzi. ✓	1
Joaquim José Pacheco.	1
Jacinto Antonio Diogo Parreiros.	1
Jorge José Pinto Vedras.	1
José Firmino da Cruz.	1
João Francisco Braga.	1
João Felix Pereira de Campos.	1
João Ribeiro dos Santos Monteiro.	1
José da Costa Barros Fonceca.	1
José Manoel da Costa Barros de Azevedo.	1
J. Joaquim Ludovino da Silva.	1
José Herculano de Brito.	1
Joaquim Luiz do Bom Successo. ✓	1
José Theodoro dos Santos.	1
José Manoel Carlos de Guimarães.	1
José Joaquim do Couto.	1
Juvenal Nunes de Mello.	1
João Rodrigues Feio de Carvalho.	1
João Antonio de Oliveira Lobo.	1
José R. Villares.	1
José Feliciano Neves Gonzaga.	1
J. P. de Lima e Fonceca Gutierrez.	1
José Joaquim de Lima e Silva. (Deputado). ✓	1
João José da Silva Monteiro.	1
João de Carvalho Raposo.	1
José Bento da Rosa. (Dr.)	1
João Pereira da Silva Borges Fortes. ✓	1
José Henrique Silveira.	1
Joaquim Sabino Pinto Ribeiro.	1
João Pereira de Sousa Caldas.	1
João Venancio Barbosa.	1
Joaquim Henriques Tota.	1

DOS SUBSCRIPTORES.

9

Joaquim da Silva Nogueira.	1
Joaquim José de Figueiredo Sarmento.	1
José Manoel do Rosario. (Pharmaceutico.)	2
Joaquim Gonsalves Ferreira.	1
João Luiz Barbosa.	1
José Luiz dos Santos Teixeira.	1
José Antonio Gomes.	1
José Pedro Baptista.	1
João José de Azevedo.	1
José de Sousa Pereira da Cruz.	1
Jacinto Desiderio Cony.	1
Jacinto Telles Barbosa.	1
Joaquim José Palhares.	1
João Gomes Henriques.	1
Joaquim dos Santos Coelho.	1
José Marques de Gouvêa.	1
João José do Amaral.	1
José Carlos da Silva Pinto Fluminense.	1
João Antonio da Costa	1
José Luiz de Azevedo.	1
José Romualdo.	1
José da Costa Ferreira.	1
José Maria Palhares.	1
Joaquim Antonio de Azevedo.	1
J. M. Raposo.	1
J. G. C. Leal.	1
Joaquim José de Sousa.	1
J. A. de Siqueira.	1
Luiza Joaquina da Cunha Moreira. (D.)	1
Leopoldina de Sá. (D.)	1
Leopoldina Rosa de Almeida.	1
Luiz Manoel de Lima e Silva. (Major).	1
Luiz Vicente de Simoni. (Dr.).	1
Luiz José dos Reis Monte Negro.	1
Luiz de Sousa Lobo.	1
Luiz José Barbosa.	1
Luiz Furtunato de Brito Abreo Souza e Menezes. (Dr.)	1

<b>Leandro Francisco Leal.</b>	1
<b>Luiz Antonio Moniz dos Santos Lobo. (Padre).</b>	1
<b>Luiz da Silva Flores.</b>	1
<b>Luiz Honorio Vieira Souto.</b>	1
<b>Luiz Gomes de Mello,</b>	1
<b>Lino Antonio Ribeiro.</b>	1
<b>Lucianno Augusto de Oliveira.</b>	1
<b>Lucio Joaquim d'Almeida Armisant.</b>	1
<b>Luiz Carlos da Fonceca. (Dr.)</b>	1
<b>Luiz Francisco Ferreira. (Dr.)</b>	1
<b>Luiz José Bardym.</b>	1
<b>Lourenço de Assis Pereira da Cunha. (Dr.)</b>	1
<b>Lopo José de Albuquerque Maranhão.</b>	1
<b>Luiz José Ferreira Leite.</b>	1
<b>Leonardo de Barros Franco.</b>	1
<b>Luiz Vieira Pereira.</b>	1
<b>Luiz Alves de Lima. (Tenente Coronel.) ✓</b>	1
<b>Marianna Benedicta de Santa Giesteira. (D.)</b>	1
<b>Marianna Joaquina de Sousa. (D.)</b>	1
<b>Marquez de Maricá. —</b>	1
<b>Marciano B. P. da Silva.</b>	1
<b>Manoel Joaquim da Silva.</b>	1
<b>Manoel Joaquim de Oliveira Leão.</b>	1
<b>Miguel Marques de Sousa.</b>	1
<b>Manoel Ferreira Lagos.</b>	1
<b>Manoel dos Santos Portugal.</b>	1
<b>Manoel de Faria Pinto.</b>	1
<b>Miguel Nogueira Torreção.</b>	1
<b>Militão Correia de Sá.</b>	1
<b>Manoel Gaspar de Siqueira Rego.</b>	1
<b>Manoel José Fernandes Guimarães.</b>	1
<b>Maximianno Antonio de Lemos.</b>	1
<b>Manoel Estanislão de Castro e Cruz.</b>	1
<b>Mathias Rodrigues Fernandes.</b>	1
<b>Manoel Antonio Barbosa.</b>	1
<b>Manoel Teixeira Coimbra.</b>	1
<b>Manoel Antonio da Silva.</b>	1

Manoel Odorico Mendes. ✓	1
Miguel Vicente Terrabuzo.	1
Manoel José de Sousa França. (Conselheiro.)	1
Manoel José da Costa Bastos.	1
Manoel de Freitas Magalhães. (Vigario.)	1
Manoel Antonio Alvares de Azevedo. ✓	1
Manoel Francisco de Sousa Lemos.	1
M. A. Dias.	1
Manoel Gonsalves de Sousa.	1
Manoel Feliciano Pereira de Carvalho. (Dr.)	1
Manoel Francisco Peixoto.	1
Manoel Joaquim da Silveira.	1
Manoel Ribeiro da Silva Porto.	1
Manoel Antonio da Fonseca Costa.	1
Manoel José da Silva Passos.	1
Manoel Alexandrino de Brito.	1
Manoel José da Silva Maciel.	1
M. A. Maia.	1
M. Moreira Lirio da Silva Carneiro.	1
M. G. Couto Filho.	1
Manoel Joaquim Teixeira Cardoso.	1
Manoel de Mattos Guimarães.	1
Manoel Pereira Paiva.	1
Manoel Coelho de Brito.	1
Manoel da Cunha Barbosa.	1
Mathias Lazaro da Rocha.	1
Paulino José Soares de Sousa. (Dr.)	1
Pedro d'Alcantra Bellegarde. (Lento.) ✓	1
P. J. de Mendonça.	1
Pedro Mariz de Sousa Sarmiento.	1
Pedro Francisco Nolasco Pereira da Cunha.	1
Paulo Fernandes Vianna.	1
Pedro Candido Carlos Garcia.	1
P. A. Miller.	1
Pedro José da Costa Barros.	1
Procopio Francisco de Paula.	1
Patricio Ricardo Freire.	1

Plácido Fernandes Peixoto.	1
Possidonio João de Jesus.	1
Rita Victória do Rosario. (D.)	1
Roberto Jorge H. Lobo.	1
Raimundo de Andrade Leite.	1
Sebastião Barreto Pereira Pinto.	1
Silvino José d'Almeida.	1
Severino Honorio da Fonseca.	1
Salustiano José de Sousa S.	1
Seyerino José Luiz da Cunha.	1
Serafim José do Rosario.	1
Simpliciano José do Rosario.	1
Serafim José Pereira Vianna.	1
Thomaz José Tinoco de Almeida	1
Thomaz de Aquino Pereira.	1
Thomaz Antonio Alves de Mattos.	1
Thomaz da França Xavier Brum.	1
<i>Theatro da Bahia.</i>	1
Tristão Antonio Dias Bicallex.	1
Torquato de Araujo Silva.	1
T. M. da Fonseca.	1
Visconde de S. Leopoldo.	1
Vasco Wenceslão Pereira de Macedo.	1
Virgilio José d'Almeida Campos.	1
Vicente Ferreira da Costa Peragibe.	1











## BRASILIANA DIGITAL

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.** Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([brasiliiana@usp.br](mailto:brasiliiana@usp.br)).